

Dedicatória

Aos pilares da minha vida...

Aos meus pais, Isilda e Joaquim.

Por me terem ensinado que, por mais difícil que seja o caminho,

Nunca devemos desistir dos nossos sonhos.

Por me proporcionarem o acesso à educação.

Por gostarem de mim.

À minha irmã, Eduarda, que adoro!

Aos meus avós, que sempre acreditaram em mim.

Que sempre me transmitiram força para enfrentar os dias mais difíceis.

Hoje sei que estão orgulhosos do meu percurso.

Às minhas amigas, que são como família.

Pela força, motivação e por nunca me deixarem desistir.

Agradecimentos

A concretização desta etapa no meu percurso académico não seria possível sem o apoio de algumas pessoas, que tiveram o gosto de partilhar comigo os seus conhecimentos. A todas as pessoas que se cruzaram comigo ao longo de todas as práticas e em especial, ao longo da elaboração desta investigação, que se disponibilizaram a colaborar desde o início, deixo aqui o meu agradecimento.

O meu primeiro agradecimento vai para a minha orientadora, Doutora Maria Figueiredo, que se mostrou sempre disponível desde o início para me auxiliar e esclarecer todas as dúvidas, incentivando-me sempre a fazer mais e melhor.

Em seguida, agradeço à educadora Júlia Dias e à auxiliar Sílvia Ladeira que estiveram sempre presentes e prontas para me ajudar no que fosse necessário, pois sem o seu apoio e dedicação não seria possível ter realizado esta investigação.

A todos os professores, com quem, ao longo deste percurso académico, tive o privilégio de privar e aprender, contribuindo assim, para a minha formação pessoal e profissional.

Um agradecimento especial às minhas amigas/colegas de grupo, Ana Filipa Silva e Cristiana Oliveira, por todo o trabalho e dedicação ao longo deste mestrado. Sem vocês nada disto seria possível. Agradeço também à minha amiga Florencia Carugati porque esteve sempre presente. Não posso deixar de agradecer à minha amiga Cristiana Rodrigues pelo companheirismo ao longo dos três anos da licenciatura.

Um agradecimento enorme à minha família, pois tudo isto só foi possível graças ao seu apoio, às suas palavras de encorajamento e conforto nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos pela compreensão, pelo apoio e pela paciência nos momentos de ausência da minha parte. Agradeço por estarem sempre presentes.

A todos, muito obrigada!

Resumo

O presente Relatório Final de Estágio, desenvolvido no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, do plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, compreende duas partes distintas.

A primeira parte deste relatório foca-se nas intervenções ao longo das PES, fazendo-se uma reflexão e análise de todo o trabalho desenvolvido em ambos os contextos.

A segunda parte trata o trabalho investigativo. Assim, com a elaboração deste estudo pretendeu-se realizar uma investigação sobre a utilização de materiais naturais pelas crianças. Sendo que, ao longo da investigação, desejou-se dar resposta a esta questão, tendo como objetivo principal compreender a utilização pelas crianças dos materiais e as suas criações, assim como perceber em que medida a intervenção da educadora pode influenciar as suas escolhas.

Tratou-se de um estudo de carácter qualitativo, sendo uma investigação sobre as próprias práticas. Como tal, foi usado, como recolha de dados, a observação participante, as notas em diário de bordo e registos áudio e fotográficos.

Os resultados ajudam na compreensão das propriedades que os materiais naturais apresentam e como podem ser mobilizados para as aprendizagens das crianças e para o seu desenvolvimento a nível criativo e na relação com o meio.

Palavras-Chave: materiais naturais, educação pré-escolar, criatividade, meio envolvente.

Abstract

The present Final Report of Internship, developed within the scope of the curricular unit of Supervised Teaching Practice, of the syllabus of the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, comprises two distinct parts.

The first part of this report focuses on interventions throughout the PES, reflecting and analyzing all the work developed in both contexts.

The second part deals with investigative work. Thus, with the elaboration of this study it was intended to conduct an investigation about the use of natural materials by children. Throughout the research, we wanted to answer this question, with the main objective to understand children's use of materials and their creations, as well as to understand to what extent the intervention of the educator can influence their choices.

It was a qualitative study, being an investigation about the practices themselves. As such, participant observation, logbook notes and audio and photographic records were used as data collection.

The results help in understanding the properties that the natural materials present and how they can be mobilized for the children's learning and for their development at a creative level and in relation to the environment.

Keywords: natural materials, early childhood, education, creativity, environment.

Índice Geral

Introdução Geral	1
Parte I – Reflexão crítica sobre as práticas em contexto	3
1. Prática de Ensino Supervisionada II – 1.º CEB.....	4
1.1. Caraterização e organização do meio institucional e da sala	4
1.2. Grupo de Crianças	5
1.3. Organização e gestão do tempo	6
1.4. Ação pedagógica no 1.º CEB	7
1.5. Aprendizagens realizadas e importância na formação enquanto professora ..	7
2. Prática de Ensino Supervisionada II – EPE	11
2.1. Caraterização e organização do meio institucional e da sala.....	11
2.2. Grupo de crianças	13
2.3. Organização e gestão do tempo.....	14
2.4. Ação pedagógica na EPE.....	14
2.5. Aprendizagens realizadas e importância na formação enquanto educadora	16
3. Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos.....	19
Parte II – A utilização de materiais naturais na Educação Pré-Escolar.....	22
Introdução	23
Capítulo 1- Dispositivo de pesquisa	24
1.1. Orientação do estudo.....	24
1.2. Participantes no estudo e justificação da escolha.....	25
1.3. Procedimentos de recolha de dados.....	26
1.4. Processo de análise e tratamento de dados.....	27
Capítulo 2 – Enquadramento teórico-conceitual.....	29
2.1. Espaço e materiais como dimensão da organização do ambiente educativo	29
2.2. Recursos didáticos no âmbito da educação pré-escolar.....	30
2.3. Utilização de materiais naturais em contexto pré-escolar	31
Capítulo 3 – Apresentação e discussão dos resultados	34
3.1. Observações durante o período de estágio	34
3.2. Observações durante o estágio e primeiras entrevistas com educadora e crianças.....	35
3.2.1. Análise das entrevistas com a educadora de infância	35
3.2.2. Análise das entrevistas às crianças.....	37
3.3. Análise das entrevistas às crianças – com presença dos materiais.....	38
3.4. Primeiras intervenções – observações e discurso das crianças e análise das produções.....	39

3.5. Segundas intervenções (projeto) – observações e discurso das crianças e análise das produções.....	42
Conclusões do estudo.....	46
Conclusão final.....	48
Bibliografia	50
ANEXOS.....	52

Índice de Figuras

Figura 1 - Coroa do Dia de Reis (PES I).....	34
Figura 2 - Organização dos materiais na primeira intervenção.....	39
Figura 3 - Bases de cartão	40
Figura 4 - "A praia" - momento em que o menino oferece uma flor à Menina do Mar (F.A., fem., 5 anos)	40
Figura 5 - Primeira intervenção - "Urso pardo" (M.P., masc., 5 anos).....	41
Figura 6 - Primeira intervenção - "Coelho barbudo" (M.I., fem., 5 anos)	41
Figura 7 - Primeira intervenção - "Senhor" (S., masc., 5 anos).....	41
Figura 8 - Primeira intervenção - "Jardim da B" (B., fem., 4 anos).....	41
Figura 9 - Primeira intervenção - "Campo de futebol" (P., masc., 3 anos)	42
Figura 10 - Primeira intervenção - "Parque" (P.L., masc., 3 anos).....	42
Figura 12 - Segunda intervenção - Projeto S. (masc. 5anos)	43
Figura 11 -Segunda intervenção - Projeto M.I. (fem., 5 anos)	43
Figura 13 - Segunda intervenção - Projeto B. (fem., 4 anos)	43
Figura 14 - Segunda intervenção - Projeto M. (fem., 4 anos)	43
Figura 16 - Segunda intervenção - Projeto P. (masc., 3 anos)	43
Figura 15 - Segunda intervenção - Projeto M.M. (masc., 5 anos).....	43
Figura 17 - Segunda intervenção - realização do projeto da M.I. (fem., 5 anos)	44
Figura 18 - Segunda intervenção - realização do projeto do S. (masc., 5 anos)	44
Figura 19 - Segunda intervenção - realização do projeto da M. (fem., 4 anos)	44
Figura 20 - Segunda intervenção - realização do projeto da B. (fem., 4 anos).....	44
Figura 21 - Segunda intervenção - realização do projeto do M.M. (masc., 5 anos).....	45
Figura 22 - Segunda intervenção - realização do projeto do P. (masc., 3 anos)	45

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Registo de materiais naturais ao longo do estágio da PES III.....	53
Tabela 2 - 1.ª Entrevista com as crianças.....	57
Tabela 3 - 2.ª entrevista com as crianças.....	60
Tabela 4 - 1.ª Intervenção e realização dos trabalhos com materiais naturais.....	67
Tabela 5 - 2.ª intervenção e realização dos projetos	70

Índice de Abreviaturas

CAF – Componente de Apoio à Família

CEB – Ciclo do Ensino Básico

EPE – Educação Pré-Escolar

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PES I – Prática de Ensino Supervisionada I

PES II – Prática de Ensino Supervisionada II

PES III – Prática de Ensino Supervisionada III

Introdução Geral

O Mestrado em Educação Pré-Escolar (EPE) e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) concede a habilitação profissional para a docência e prevê a realização de práticas de ensino supervisionadas em dois contextos – EPE e 1.º CEB – sendo as práticas realizadas nas unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionada (PES) I, II e III.

A Prática de Ensino Supervisionada I permitiu-nos conhecer e preparar-nos para os contextos que íamos encontrar no 2.º e 3.º semestre, na PES II e III, uma vez que deparamo-nos com os mesmos grupos de crianças/alunos. O grupo, constituído por três mestrandas, manteve-se ao longo dos três semestres o que facilitou o trabalho ao longo do tempo. Nestas práticas, as estagiárias tinham uma carga horária que correspondia a três dias por semana, cumprindo assim o horário escolar das instituições.

O estágio é o culminar de um processo de aprendizagens que se iniciou na Licenciatura em Educação Básica e terminou agora com a finalização do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Assim, para terminar este ciclo de estudos foi-nos proposto a realização de um relatório final de estágio incluindo a abordagem a uma questão de investigação, que representa o término de todo este processo.

Este relatório final de estágio, sob o título “Percurso formativo em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico: um estudo sobre a utilização de materiais naturais pelas crianças”, inclui duas partes fundamentais.

A primeira parte inclui as reflexões e análises do processo de aprendizagem desenvolvido durante o mestrado ao longo dos estágios, primeiramente na PES II e de seguida na PES III. Desta forma, será feita uma apresentação que englobará uma caracterização dos grupos de crianças, da organização dos meios institucionais, uma análise da organização e gestão do tempo e uma reflexão sobre cada uma das ações pedagógicas. Por último, ainda na primeira parte, será feita uma análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos ao longo do processo de formação, tendo em conta as críticas das cooperantes e dos professores supervisores. No que concerne às Práticas de Ensino Supervisionadas, foi-nos dada a oportunidade de contactar com contextos diversificados e colocar em prática os conhecimentos e capacidades adquiridas. Portanto foram realizadas intervenções individuais e em grupo e sessões de reflexão que serão analisadas neste relatório.

Percurso formativo em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico: um estudo sobre a utilização de materiais naturais pelas crianças

A segunda parte inclui uma linha investigativa, de investigação sobre as práticas. Esta segunda parte ainda se divide em duas partes, onde primeiramente é apresentado o objeto de estudo e a sua justificação sob o apoio de vários autores. Em seguida, será apresentado o estudo em si e as intervenções feitas ao longo do estudo, bem com as suas análises.

Para terminar, o presente relatório apresenta uma conclusão final, com a intenção de sublinhar aspetos relevantes de todo este processo, tanto ao nível da formação como da investigação.

Parte I – Reflexão crítica sobre as práticas em contexto

1. Prática de Ensino Supervisionada II – 1.º CEB

1.1. Caracterização e organização do meio institucional e da sala

A organização dinâmica destes contextos educativos pode ser vista segundo uma perspetiva sistémica e ecológica. Esta abordagem assenta no pressuposto de que o desenvolvimento humano constitui um processo dinâmico de relação com o meio, em que o indivíduo é influenciado, mas também influencia o meio em que vive (Ministério da Educação, 2016, p.23).

As instituições de ensino devem ser organizadas de acordo com as necessidades educativas dos alunos e os propósitos educativos. Apesar de serem uma fonte de saberes para as crianças, as escolas não deixam de ser um meio de partilha de conhecimentos entre todos os indivíduos que fazem parte destas instituições.

Relativamente à instituição onde foi desenvolvida a Prática de Ensino Supervisionada II, esta era uma escola onde apenas funcionava o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Era um edifício antigo, contudo sofreu algumas obras recentemente. Na parte mais antiga do edifício funcionavam quatro salas de 1.º Ciclo, sendo que duas localizavam-se no rés-do-chão e as outras duas no 1.º andar. Na parte que foi requalificada recentemente encontrava-se o refeitório e uma sala que, inicialmente, seria destinada a uma biblioteca, contudo neste ano letivo estava a ser utilizada como uma sala de 1.º CEB. Sendo assim, nesta escola existiam cinco turmas, duas do 1.º ano, uma do 2.º ano, uma do 3.º ano e uma do 4.º ano. Esta escola continha, também, acessos exteriores para crianças portadoras de deficiência física, sendo que dentro do edifício pouco se denota isso, realçando apenas a casa de banho equipada para estas situações. Também é de referir que existiam casas de banho suficientes para dar resposta ao número de crianças. Existia, ainda, uma sala de professores que também era utilizada como sala de apoio.

Esta instituição não possuía um espaço exterior com equipamentos para que os alunos pudessem usar, sendo que estes tinham de procurar outras formas de partilhar oportunidades educativas nos espaços livres. Relativamente aos espaços interiores, a instituição apresentava um conjunto de oportunidades educativas a serem utilizadas pelos alunos em sala de aula.

Contudo, é de considerar que o espaço educativo não se resume ao espaço de sala de aula, mas sim a todo o espaço envolvente onde o aluno se relaciona com o meio e com os outros intervenientes, como as outras crianças e os adultos.

No que concerne ao material existente na sala, encontrava-se um computador, um projetor e um quadro interativo. Contudo, é de referir, que apenas foi utilizado para projetar apresentações temáticas, uma vez que o programa para o uso do quadro interativo não se encontrava disponível.

Esta sala também apresentava um grande número de placards onde estavam exposto, não só vários trabalhos dos alunos, como também alguns cartazes informativos sobre diversos temas abordados ao longo do programa.

A sala estava disposta com três filas de mesas, sendo que havia espaço suficiente para a turma. Por vezes, a disposição das mesas era disposta de forma diferente para facilitar o trabalho em grupo.

Relativamente ao ambiente da sala, esta dispunha de um ambiente agradável e limpo, com uma boa luz natural. Apesar de esta sala ter grandes janelas, não permitem um contacto visual para o exterior, por parte das crianças, uma vez que ficam bastante altas.

1.2. Grupo de Crianças

A Prática de Ensino Supervisionada II foi realizada com uma turma do 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, constituída por vinte e dois alunos sendo que dezassete eram rapazes e cinco eram raparigas. Os alunos da turma tinham, na sua maioria, sete anos de idade, havendo quatro que apenas os completaram depois do mês de setembro.

No que respeita à professora titular da turma, pode referir-se que esta dava apoio aos vinte e dois alunos, todavia também tinha de conseguir apoiar dois alunos abrangidos pelo Decreto de Lei n.º 3/2008. Um dos alunos abrangidos por este Decreto revelava muitas dificuldades em aceder sozinho às diferentes aprendizagens do currículo. Relativamente ao outro aluno abrangido por este mesmo Decreto, apesar de relevar as mesmas dificuldades que o aluno anterior, também passou a ser acompanhado, no decorrer do ano letivo do estágio, pela CPP – Clínica de Psicoterapia por apresentar graves perturbações a nível da personalidade sendo que estas comprometiam as suas aprendizagens.

A professora titular da turma tinha, também, de apoiar outro aluno que não possuía o domínio técnico da leitura e da escrita o que dificultava as suas aprendizagens nas outras áreas. Este aluno encontrava-se em fase de avaliação ao abrigo do Decreto

Lei n.º 3/2008. A professora dava, ainda, apoio a dois alunos de etnia cigana que apesar de não estarem referenciados apresentam grandes dificuldades de aprendizagens, estando ainda a realizar tarefas do 1.º ano.

Para além da professora titular, os dois alunos referenciados pelo Decreto Lei n.º 3/2008 tinham apoio com outra professora duas vezes por semana.

Existia um pequeno grupo de alunos que se destacava pelo seu nível de desempenho relativamente a todas as áreas curriculares, outros com desempenho normal e um pequeno grupo que revelam algumas dificuldades em acompanhar o resto do grupo.

Esta turma, de um modo geral, demonstrou-se bastante comunicativa e espontânea em relação ao que era abordado em sala de aula. Os alunos relacionavam, com frequência, as suas vivências aos conhecimentos que iam adquirindo sobre os temas em estudo, o que por vezes facilitava as suas aprendizagens.

De maneira geral, esta turma cumpria as regras de sala de aula, contudo os alunos referidos anteriormente, acabavam por criar perturbação uma vez que não conseguiam acompanhar as temáticas. Assim, pode referir-se que alguns alunos apresentavam um comportamento desajustado e por vezes faziam participações inoportunas.

1.3. Organização e gestão do tempo

Na instituição onde foi realizada a PES II relativamente ao 1.º CEB, o tempo letivo decorria das 9h00 às 12h00 na parte da manhã e das 13h30 às 15h39 na parte da tarde, tendo como rotina o intervalo da manhã das 10h30 às 11h00 e a pausa para o almoço das 12h00 às 13h30, sendo que este será um horário igual para todas as turmas da escola.

Ao longo dos dias da PES II, eram abordadas as quatro áreas curriculares – Matemática, Português, Estudo do Meio e Expressões – sendo que era dada mais peso ao Português e à Matemática, pois eram as áreas com mais carga horária semanal. As áreas curriculares eram lecionadas com base no horário da professora titular da turma, contudo este podia sofrer alterações consoante as necessidades educativas dos alunos.

É de salientar que no ensino do 1.º CEB, a gestão do tempo é semelhante à da Educação Pré-Escolar, ou seja, deve fazer-se uma articulação do tempo e do espaço adequando-se às características e necessidades dos alunos.

1.4. Ação pedagógica no 1.º CEB

Segundo as OCEPE,

A criação de um ambiente educativo em que a criança dispõe de materiais diversificados que estimulem os seus interesses, e a atenção do/a educador/a às suas iniciativas, o modo como encoraja e os desafios que coloca à exploração e à descoberta, são fundamentais para esse envolvimento ou implicação (Ministério da Educação, 2016, p. 12).

Ou seja, é muito importante respeitar e valorizar as características de cada criança, pois isso devia ser a base de todas as aprendizagens.

O professor deve ser um ser facilitador de aprendizagens diversificadas, proporcionando, à turma, experiências educativas diversas, apelativas e diferentes. Estas experiências podem e devem passar do ambiente educativo, já conhecido, para o exterior. Ou seja, as interações sociais com outras pessoas e outros meios fora do ambiente escolar ou mesmo trazendo essas novidades para dentro da escola, pode trazer aos alunos um grande contributo para as suas aprendizagens. Assim, os alunos não só relacionam os conteúdos curriculares com a realidade como também adquirem outras aprendizagens, como a partilha, o respeito, a solidariedade e entreatajuda, o relacionamento com os outros tornando-os cidadãos mais completos.

Relativamente às metodologias desenvolvidas durante o tempo letivo em que estivemos em prática no 1.º CEB, pode dizer-se que este foi sofrendo algumas alterações consoante as necessidades apresentadas pela turma. Sendo assim, desenvolvemos leituras, diálogos, apresentações em suporte PowerPoint, jogos matemáticos, trabalhos de pares/grupos e trabalhos experimentais.

Portanto, as metodologias desenvolvidas tiveram como principais objetivos as aprendizagens dos conteúdos, o desenvolvimento de competências específicas das áreas curriculares, o desenvolvimento da capacidade de cooperação em pares e em grupo, o respeito pelo outro e pela participação na sua vez.

1.5. Aprendizagens realizadas e importância na formação enquanto professora

A Prática de Ensino Supervisionada II teve início no segundo semestre do mestrado, sendo que o grupo já conhecia a turma uma vez que já tinha passado por esta sala na PES I. Assim, pode referir-se que o grupo iniciou esta prática com

observação com o objetivo de perceber em que ponto estava a turma em relação ao programa do 2.º ano. As intervenções foram realizadas, inicialmente, em grupo passando, posteriormente, às intervenções individuais.

No decorrer destas semanas de práticas fomos reparando que tanto os alunos aprenderam muito connosco, como nós também aprendemos muito com eles. Pois estas partilhas fizeram-nos crescer a todos, tanto a nível pessoal como a nível profissional no que às nossas práticas diz respeito.

Também com a professora titular da turma aprendemos muito. Aprendemos a conhecer bem a turma e a conseguir arranjar estratégias facilitadoras das suas aprendizagens. Soubemos ouvi-la nas sugestões que nos foi dando tanto a nível de postura na relação quadro-turma-projetor como a nível de procurar inovar sempre nas estratégias de apresentação de novas temáticas.

Uma vez que já conhecíamos a turma, fomos bem recebidas e os alunos não se sentiram constrangidos com a presença de mais três adultos na sala. Sendo assim, as intervenções em grupo, serviram sobretudo para percebermos em que ponto estava a turma em relação ao programa para o 2.º ano. A estratégia da prática em grupo foi a mesma utilizada na PES I, ou seja, lecionamos em conjunto sem definir áreas específicas a cada uma. É de salientar que esta estratégia correu bem, pois podemos ajudar-nos mutuamente.

As intervenções individuais foram preparadas em grupo, pois assim cada uma de nós sentia-se mais segura nas suas práticas. As planificações de todas as intervenções foram feitas consoante o horário destinado à turma e sob orientação da professora cooperante, uma vez que era ela que indicava os conteúdos a lecionar. Também, o facto de as planificações serem feitas em grupo facilitou a constatação de alguns erros que estaríamos a cometer em relação à consonância entre objetivos e atividades. Assim, em grupo, fomos conseguindo “limar as arestas” ultrapassando as dificuldades sentidas inicialmente na elaboração das planificações.

As planificações semanais foram preparadas tendo em conta sempre os programas curriculares do 1.º CEB nunca descuidando os interesses e necessidades dos alunos.

Planificar não é uma tarefa fácil uma vez que os elementos fundamentais devem estar relacionados, ou seja, os objetivos a desenvolver/atingir, as atividades a serem promovidas indo ao encontro dos objetivos estipulados, o tempo, o material e estratégias a utilizar e a avaliação. Esta última é bastante importante uma vez que nos ajuda a perceber se as crianças estão a adquirir os conhecimentos pretendidos.

Após a elaboração das planificações foi necessário prepararmos alguns materiais para as intervenções individuais que fomos fazendo ao longo da PES II. Foi ao longo

destas intervenções que fomos adquirindo novos conhecimentos do que é ser professor, do que é a prática de ensino. Este contacto direto com os alunos, com a professora cooperante e com os programas curriculares são uma parte essencial para aprendermos a ser bons profissionais no futuro.

O ter-nos sido pedido para refletir sobre as nossas intervenções semana após semana foi uma mais valia para a nossa formação enquanto futuras professoras. Estes relatórios ajudaram-nos a refletir sobre os nossos momentos menos bons na prática e a pensar onde e como poderíamos melhorar, sendo que nos ajudará no futuro a crescer profissionalmente.

Ao longo desta PES II, tentamos proporcionar aos alunos experiências diferentes de forma a que estes conseguissem alcançar as aprendizagens garantindo o sucesso escolar de cada um.

Ao recordarmos agora as intervenções concretizadas, podemos afirmar que, de maneira geral, correram bem. Sendo de referir que por vezes, sentimos algumas dificuldades em conseguir manter presente em todas as intervenções a interdisciplinaridade. Este conceito deve estar sempre presente nas dinamizações dos professores uma vez que torna a aula muito mais apelativa e dinâmica para os alunos e apoia a construção de conhecimento articulado e significativo.

Ao longo das nossas intervenções, usamos várias vezes estratégias diferentes para explorarmos a área da matemática, usando vários materiais matemáticos que a nossa escola nos coloca à disposição. Também usamos várias apresentações em *PowerPoint*, vídeos e músicas de forma a dinamizar as sessões. É de referir que os materiais matemáticos foram uma boa estratégia para conseguir envolver, especialmente, os alunos com mais dificuldades na área da matemática. Na fase em que estivemos a intervir, a turma estava muito dedicada à resolução dos problemas matemáticos e por isso tentamos criar problemas com situações reais. Assim, pretendia-se que os alunos sentissem que a Matemática pode ser mais útil do que eles possam pensar. Podemos referir que, relativamente à área curricular de Estudo do Meio também tentamos levar para dentro da sala mais atividades experimentais de acordo com o programa do 2.º ano. Uma vez que a turma apresentava algumas dificuldades era importante darmos-lhes mais atenção no esclarecimento dos conteúdos. Por isso, restava-nos pouco tempo para realizarmos atividades nas áreas das expressões.

É de salientar, que, por vezes, foi necessário adaptarmos as planificações realizadas anteriormente, às necessidades dos alunos. Por exemplo, na véspera da prova intermédia de cada área focamos mais as atividades nessa área de forma a rever os conteúdos e a esclarecer dúvidas.

Depois de cada intervenção, eram realizadas pequenas reflexões sobre o dia, sendo que no fim de cada semana era reservado mais tempo para reunir com a professora cooperante a fim de conversarmos sobre os aspetos que correram bem e os que correram menos bem. Também quando os professores supervisores iam observar as nossas intervenções, eram feitas reuniões a fim de refletir sobre estas.

Este caminho na PES II foi muito satisfatório para nós apesar de, por vezes, sentirmos algumas dificuldades nas intervenções e assim “falharmos” em alguns aspetos. Por isso é que reconhecemos a importância das reflexões com a professora cooperante e com os professores supervisores. Todas as críticas que recebemos foram construtivas permitindo-nos assim crescer e aprender, pois é-nos dado a oportunidade de refletir sobre os nossos erros e melhorá-los no futuro.

O facto de termos criado uma boa relação com a turma e com a professora cooperante ajudou-nos a conversar e a tirar dúvidas mais abertamente com esta. O que fez com que nos sentíssemos mais à vontade com a turma, pois sabíamos que teríamos o apoio da professora caso estivéssemos mais inseguras em algum momento. Esta confiança da turma e da professora ajudou-nos a crescer tanto a nível pessoal como profissional.

Em suma, o percurso no ensino do 1.º CEB foi bastante positivo, dando-nos uma nova perspetiva sobre o ensino e o que é ensinar. Ao longo da PES II, fomos tentando ir ao encontro das necessidades dos alunos proporcionando-lhes o contacto com materiais diferentes e com outras formas de apresentação de conteúdos de forma a envolver cada criança na aprendizagem.

2. Prática de Ensino Supervisionada II – EPE

2.1. Caracterização e organização do meio institucional e da sala

O estabelecimento educativo deve organizar-se como um contexto facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, proporcionando também oportunidades de formação dos adultos que nele trabalham. Estabelece procedimentos de interação entre os diferentes intervenientes (entre crianças, entre crianças e adultos, e entre adultos), tem um papel na gestão de recursos humanos e materiais, o que implica a prospeção de meios para melhorar as funções educativas da instituição (Ministério da Educação, 2016, pp.24-25).

O meio institucional está organizado de forma a proporcionar condições de interação às crianças e adultos e também entre adultos, assim como a gestão dos outros recursos humanos e materiais utilizados para criar momentos de aprendizagem às crianças.

A Prática de Ensino Supervisionada III foi realizada num estabelecimento de Educação Pré-Escolar inserido num Agrupamento de Escolas da cidade de Viseu. Era um edifício moderno com dois pisos, sendo que o rés-do-chão era onde funcionava a Educação Pré-Escolar e no 1.º andar funcionava o 1.º CEB. Relativamente ao espaço interior do rés-do-chão, onde funcionava a educação pré-escolar, podemos referir que era composto por quatro salas de atividades, que eram diferenciadas por números (1, 2, 3 e 4), duas salas de componente de apoio à família (CAF), uma sala que serve de apoio a atividades como a música, o yoga, etc., instalações sanitárias para crianças e para adultos, casa de banho específica para crianças portadoras de deficiência, uma sala de arrumos para materiais, outra sala de arrumos para produtos de limpeza. Existia ainda uma sala onde funcionava a reprografia, um gabinete da direção, uma sala de apoio para os alunos do 1.º CEB, uma sala que funcionava como bar, um gabinete que era usado como enfermaria e por fim uma biblioteca de livre acesso a todas as crianças e alunos da instituição. Ainda, relativamente a mais instalações desta instituição, podemos referir que existia um refeitório com instalações sanitárias e um ginásio com acesso a balneários fora deste edifício, sendo que os dois edifícios estavam ligados por um alpendre.

Em relação ao espaço exterior (recreio), podemos dizer que estava dividido em duas partes. Um primeiro espaço era composto por um campo relvado ainda em

construção e um espaço amplo sem equipamentos. O segundo espaço também era um espaço amplo, também sem equipamentos tendo apenas um cantinho para a horta. Normalmente o espaço exterior era utilizado para atividades livres, sendo que algumas vezes também era utilizado para atividades planeadas pelas educadoras e por nós. Pois, tal como é referido nas Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar (OCEPE), “O espaço exterior é igualmente um espaço educativo pelas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merecendo a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior” (Ministério da Educação, 2016, p.29).

No que diz respeito à sala onde foi realizada a PES III, conforme o que observamos, constatamos que estava dividida em espaços funcionais, flexíveis e abertos, que possibilitava uma boa movimentação das crianças promovendo uma boa interação com os outros e com o meio. Estes espaços eram compostos por algumas áreas de interesse – casinha, cozinha, biblioteca, construções, jogos, computador, plástico e música – sendo que existia um número limitado de crianças por área, contudo todas elas eram flexíveis e abertas a trocas mediante conversa entre os “utilizadores”.

Num dos cantos da sala, existia um espaço delimitado por um tapete onde se realizava o acolhimento e as atividades ou conversas em grande grupo. Era também neste espaço que estavam presentes os instrumentos de regulação (quadro de presenças, calendário, e estado do tempo). No entanto, as presenças iam sendo feitas à medida que as crianças iam chegando à sala, sendo que o preenchimento do calendário e do quadro do estado do tempo eram apenas realizados em reunião.

Nesta sala existiam também três mesas para a realização de trabalhos individuais ou em pequenos grupos. Nesta zona, encontrava-se um armário que colocava à disposição das crianças materiais de expressão plástica (tintas, marcadores, tesouras, colas, materiais naturais, etc).

A sala tinha, ainda, uma secretária com um computador à disposição das crianças e dos adultos, um projetor e um quadro interativo. Existia também um armário onde eram guardados os dossiês de cada criança, previamente decorados por elas, onde eram guardados todos os trabalhos realizados ao longo do ano letivo.

Relativamente à iluminação da sala, podemos referir que era agradável, contudo, apesar de uma das paredes laterais ser composta por janelas, o arvoredado existente ao lado do jardim deixava passar pouca luz natural. Na sala existia também aquecimento, podendo assim regular a temperatura, tornando o ambiente mais agradável.

2.2. Grupo de crianças

O grupo da sala 1 era constituído por vinte e quatro crianças com idades entre os dois e os seis anos, uma vez que havia uma criança que só completou os três anos no final de dezembro e outra que completou os seis anos no final do mês de setembro. O grupo era constituído por nove crianças do sexo masculino e quinze do sexo feminino.

Nesta instituição todas as salas tinham uma educadora de infância e uma assistente operacional, que apoiava, sempre que era necessário, a educadora e as crianças.

É de referir que, apesar deste grupo de crianças ser bastante autónomo e interessado em tudo o que surgia na sala, foi sendo necessário dar especial atenção a algumas crianças do grupo. Nomeadamente, a criança de dois anos que solicitava muita atenção por parte dos adultos presentes na sala, uma outra criança que entrava em conflitos com os colegas frequentemente e ainda a criança de seis anos que apresentava ser ainda muito imatura para as atividades propostas, preferindo sempre brincar nas construções a realizar outras atividades.

Estas crianças eram, na sua maioria, todas provenientes da classe média, vivendo em ambientes familiares favoráveis ao seu desenvolvimento físico e intelectual. Também, a maioria dos pais trabalhavam a tempo inteiro, o que fazia com que as crianças frequentassem o jardim de infância, usufruindo da componente de apoio à família.

Como já foi referido, este grupo era bastante autónomo, interessado e participativo, sendo que na maioria das vezes respeitavam o tempo de pensamento lógico dos colegas, proporcionado ajudas sempre que achassem necessário. Também, como pudemos observar, era um grupo bastante “criativo” na hora de inventar histórias ou até mesmo nos momentos de expressão plástica.

No que toca aos interesses das crianças, mostravam-se bastante empolgadas em relação às várias áreas, todavia era na Matemática que elas mais pediam para fazer trabalhos. Mesmo assim, é de referir que este grupo mostrava grande interesse com tudo o que lhes fosse mostrado de novo, tudo o que lhes causasse impacto. Pois, não podemos deixar de mencionar que no que diz respeito ao Conhecimento do Mundo, por exemplo, as crianças mostraram muito interesse no tema do corpo humano, fascinando-se com o tema em todas as vertentes de apresentação utilizadas.

No que concerne às atividades livres nesta sala, podemos dizer que decorriam na parte da manhã e por vezes também na parte final do horário da tarde. Este grupo de crianças demonstrava interesse pelas construções, pelos jogos didáticos individuais

ou em grupo, pelos jogos de faz de conta e pela biblioteca. Também a música era muito procurada quando essa área estava aberta. Neste grupo, pudemos observar que todas as áreas eram procuradas, de igual modo, tanto pelo sexo masculino como pelo sexo feminino.

2.3. Organização e gestão do tempo

A organização e gestão do tempo é um dos fatores importantes tanto nas rotinas da educação pré-escolar como nas rotinas do 1.ºCEB, uma vez que é essencial para a criança manter um certo hábito em determinados momentos do dia. Contudo, como está patente nas OCEPE “o tempo educativo tem uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade” (Ministério da Educação, 2016, p. 29).

Nesta instituição, o tempo letivo decorria das 9h00 até às 12h00 e das 13h30 até às 15h30, sendo que existia um intervalo na parte da manhã das 10h30 às 11h00, para que as crianças lanchassem e quando estava bom tempo poderiam ir brincar para o recreio ao ar livre. E, também, das 12h00 às 13h30 decorria o intervalo para almoço.

No entanto, esta estrutura do dia podia ser flexível consoante as atividades ou momentos planeados pela educadora ou pela instituição, pois como está referido nas OCEPE, ao longo do dia existe uma sucessão de momentos de “uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo/a educador/a e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações” (Ministério da Educação, 2016, pp.29-30).

Também é de referir que a organização e gestão do tempo está ligada a organização do espaço, uma vez que as oportunidades educativas dependem um do outro. Assim, a articulação do tempo e do espaço devem harmonizar-se às características e necessidades de cada criança individualmente e do grupo.

2.4. Ação pedagógica na EPE

Dada a importância das primeiras aprendizagens, é atribuído à educação de infância um papel relevante na promoção de uma maior igualdade de oportunidades relativamente às condições de vida e aprendizagens futuras, sobretudo para as crianças cuja cultura familiar está mais distante da cultura

Percurso formativo em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico: um estudo sobre a utilização de materiais naturais pelas crianças

escolar. Porém, os resultados da investigação indicam que essa contribuição depende muito da qualidade do ambiente educativo e do modo como este reconhece e valoriza as características individuais de cada criança, respeita e dá resposta às suas diferenças, de modo a que todas se sintam incluídas no grupo (Ministério da Educação, 2016, p.11).

É, por isso, que na Educação Pré-Escolar a ação pedagógica deve ter sempre o propósito de proporcionar boas experiências às crianças. Sendo assim, cabe ao educador familiarizar a criança num ambiente rico e estimulante que desperte a vontade de aprender.

Então, nas práticas observadas e desenvolvidas em contexto de estágio na PES III, a nossa ação pedagógica focou-se na realização de atividades/tarefas que auxiliassem a criança a ser autónoma no dia-a-dia, a organizar o seu espaço e os seus materiais, tendo em atenção as suas necessidades e interesses, motivando-as para pesquisas e curiosidade sobre determinados temas.

Para apoiar estas escolhas, foram desenvolvidos momentos de descoberta a partir dos interesses das crianças, com o objetivo de elas participarem mais ativamente nas propostas de temas e atividades a explorar, pois era certo que muitas temáticas que iam surgindo eram pedidas por elas.

As regras da sala e o habitual chefe do dia, ajudavam a orientar cada criança no espaço da sala, como por exemplo, na escolha e permanência em cada área de interesse aquando das atividades livres, tornando assim a criança mais autónoma nas suas escolhas.

Os trabalhos a pares ou em grupos eram desenvolvidos no sentido de fortalecer a interação entre as crianças, para assim desenvolverem a entreaajuda, a socialização e a colaboração entre as crianças. É bastante importante ter em atenção todas estas noções uma vez que são fundamentais para o desenvolvimento social e cognitivo de cada criança.

2.5. Aprendizagens realizadas e importância na formação enquanto educadora

A Prática de Ensino Supervisionada III iniciou-se no último semestre do mestrado, sendo que os primeiros três dias foram de observação. Uma vez que já conhecíamos os métodos da educadora, a sua forma de interagir e comunicar com o grupo e parte do grupo de crianças, estes três dias serviram, essencialmente, para conhecermos as novas crianças do grupo e percebermos a evolução das outras crianças em relação ao tempo que tínhamos passado com elas na PES I. Também, sendo que já conhecíamos a educadora, a auxiliar e parte do grupo, conseguimos facilmente integrar-nos no seu ambiente e elas no nosso.

Depois destes três dias de observação e cooperação com a educadora, realizou-se uma semana de intervenção em grupo e só depois começaram as intervenções individuais de cada uma de nós, alternadamente. Cada uma de nós realizou quatro semanas de intervenções individuais, onde nos foi dada a oportunidade de assumir o papel de educadora, mesmo surgindo, por vezes, algumas inseguranças e medo em falhar. Contudo, conseguimos ultrapassar esses obstáculos uma vez que sempre nos sentimos à vontade com o grupo de crianças, sendo um ponto facilitador do nosso trabalho.

Como está patente nas OCEPE, considera-se “que há uma unidade em toda a pedagogia para a infância e que o trabalho profissional com crianças dos 0 aos 6 anos tem fundamentos comuns e deve ser orientado pelos mesmos princípios educativos” (Ministério da Educação, 2016, p.9), sendo que, para tal, é muito importante que o educador crie condições necessárias para que as crianças continuem a aprender, a interagir com o outro, a comunicar, etc.

É importante referir que o grupo apoiou-se bastante nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, bem como no apoio dado pela educadora cooperante e pelas professoras supervisoras que sempre se mostraram disponíveis para nos prestar o auxílio necessário, para que percorressemos este caminho da PES III da melhor forma.

De forma a proporcionarmos as melhores aprendizagens para as crianças, o grupo decidiu trabalhar em conjunto na preparação das planificações e dos materiais. Este nosso método de trabalho fez com que mantivéssemos uma boa relação de trabalho, como já havíamos feito na PES I e na PES II, proporcionando-nos, assim, troca de ideias e sugestões semana após semana, indo ao encontro dos interesses das crianças.

Também é importante referir que as reflexões críticas realizadas no final de cada semana de intervenção foram uma boa ajuda para que percebessemos onde estavam as nossas falhas e onde poderíamos melhorar e que estratégias usar numa próxima vez.

Uma vez que este grupo se demonstrou, desde sempre, curioso sobre tudo o que se passava na sala, por vezes tornava-se complicado gerir o momento da participação de cada um. Ou seja, não era um grupo que apresentasse um mau comportamento, mas por vezes tornava-se difícil gerir os seus trabalhos quando trabalhavam em grupos maiores. A maioria do grupo, participava ativamente nas atividades/tarefas propostas seguindo as orientações o que facilitava o papel de educadora que tínhamos no momento.

Nesta instituição fomos bem recebidas e integradas por todos, tanto na nossa sala como com as outras educadoras e grupos de crianças, o que simplificou a nossa relação com todos, não nos sentindo estranhas. Sendo assim, onde foi possível notar mais dificuldades foi no equilíbrio do nosso discurso com as crianças e na adequação de algumas atividades/tarefas à idade das crianças do grupo.

Um dos momentos considerado importante no dia é o acolhimento pois é aqui que surgem as novidades contadas pelas crianças, são apresentados novos temas e atividades, entre outros acontecimentos. Porém, este grupo não conseguia manter-se na manta por muito tempo, o que levava a que, muitas vezes dividíssemos o acolhimento por vários momentos ao longo do dia. Sendo assim, sempre que queríamos o grupo no acolhimento tentávamos arranjar estratégias diferentes para os envolver. Foi sendo mais fácil ao longo das intervenções.

O grupo de estágio deparou-se com algumas situações que não estavam planeadas, nomeadamente quando era solicitada a participação dos pais trazendo algo de casa, e nem todos participavam. Tivemos então de prolongar algumas atividades por várias semanas pois à medida que os materiais iam chegando de casa, cada criança fazia a sua apresentação com a estagiária responsável da semana, mesmo que não tivesse sido ela a lançar o desafio.

Relativamente a alguns temas, surgiu a necessidade de voltarmos a repetir apresentações ou até mesmo continuar a fazer atividades sobre o tema que não estavam planeadas, o que nos fez refletir sobre a importância dos interesses das crianças. Portanto, é importante referir que estes interesses devem ter especial atenção de forma a que cada criança valorize as suas experiências e dando-lhes espaço para elas questionarem e participarem num momento que lhes agrade.

No que concerne ao papel do educador, também está patente que este deve proporcionar experiências diversificadas e estimulantes às crianças e por isso o grupo

decidiu trazer para a sala temas como o corpo humano, as constituições de alguns animais marinhos, no âmbito da história “A Menina do Mar” de Sophia de Mello Breyner Andresen. Relativamente ao primeiro tema, um dos momentos mais empolgantes para as crianças foi a visualização de um vídeo que mostrava uma viagem pelo interior do corpo humano, sendo que depois as crianças iriam reproduzir em pasta modelar os órgãos que viram. Nesta tarefa surgiram alguns imprevistos uma vez que as crianças estavam a trabalhar em grande grupo e tornou-se difícil dar apoio a todos. Sendo assim, acho que percebemos que quando se trabalha com certo tipo de materiais devemos colocar as crianças a trabalhar em pequenos grupos.

Um dos momentos marcantes nas nossas intervenções foram as explorações plásticas, nomeadamente a experiência de pegar no lápis com os pés e desenhar e a exploração do barro. Estas atividades não tinham um objetivo final de apresentar algo, mas sim proporcionar experiências diferentes de modo a que as crianças conheçam o seu corpo e as suas capacidades.

Também os momentos de expressão motora no ginásio tornaram-se libertadores para as crianças, contudo, no início sentíamos dificuldades nas planificações de atividades, para que eles vissem um objetivo no que estavam a fazer. Ao longo das intervenções fomos ajustando as atividades no ginásio, de acordo com os interesses e motivações de cada criança. Assim, conseguimos perceber que se fomos ao encontro da motivação de cada criança pois conseguimos refletir e avaliar a sessão.

No fim de cada semana de intervenção reuníamos com a educadora cooperante para refletir sobre o desempenho de cada estagiária, de forma a corrigirmos algumas falhas cometidas, combinando estratégias para melhorarmos as nossas intervenções. Também era frequente reunirmos com as professoras supervisoras que nos ajudavam a perceber onde tínhamos falhado e como poderíamos melhorar, ajudando-nos também a encontrar estratégias mais motivadoras para as crianças. Deste modo, cada reunião foi fundamental para o nosso crescimento pessoal e profissional, interiorizando cada crítica como um conselho construtivo.

Em suma, é feito um balanço positivo neste percurso em EPE pois foi muito proveitoso para a nossa formação, ensinando-nos a construir relações com as crianças e a ouvi-las e partilhar com elas as suas novidades. Demonstramos empenho em cada planificação e em cada intervenção tentando sempre proporcionar-lhes boas experiências. Contudo, por vezes a nossa postura e linguagem não era a mais correta uma vez que ainda trazíamos bem vincada a experiência do 1.º CEB, efeito que se dispersou ao longo do estágio.

3. Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos

Após o término do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sentimo-nos com capacidades para refletir sobre as competências e conhecimentos profissionais que foram construídos e que serão imprescindíveis para a nossa prática profissional no futuro. Não chega apenas a formação, é extremamente importante todas as experiências que adquirimos ao longo deste percurso.

O trajeto de formação iniciou-se na Licenciatura em Educação Básica e aprofundou-se e ampliou-se no decorrer do mestrado, com destaque para as práticas de ensino supervisionado. É por isso que os nossos professores, os educadores/professores cooperantes, as instituições que nos acolhem nos estágios e as crianças com que temos o privilégio de trabalhar têm um papel fundamental na nossa formação. O enquadramento destes processos em documentos orientadores foi também crucial, destacando-se os Programas, as Metas Curriculares, as Orientações Curriculares os Decretos-Lei, como por exemplo, o Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de agosto que diz respeito ao Perfil Geral de Desempenho Profissional do Educador de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário e o Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto, que diz respeito aos Perfis Específicos de Desempenho Profissional do Educador de Infância e do Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O caminho de formação e crescimento profissional continuará ao longo de toda a carreira.

É, por isso, bastante importante que, como professora/educadora continue a estudar, pesquisar, investigar e refletir sobre conhecimentos e práticas para melhorar e aprofundar o desempenho podendo, assim, proporcionar boas aprendizagens.

O Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de agosto declara dimensões a que o educador de infância e o professor devem dar resposta. Porém, durante a nossa formação, e apesar de tentarmos sempre atingir os pontos essenciais, não nos foi possível confrontarmo-nos com muitas situações.

Um dos aspetos fundamentais para que as crianças atinjam o sucesso nas suas aprendizagens é a forma como o professor/educador comunica, ou seja, o professor tem de utilizar uma linguagem cuidada, coerente e sem erros mas de forma a que a criança entenda a mensagem que está a ser transmitida.

Hoje em dia, o professor/educador não pode apenas ter em atenção a sua linguagem, deve também focar-se em diversificar os materiais utilizados. Ao longo das nossas intervenções, tanto na PES II como na PES III, usamos imensas vezes o

computador e o projetor, usamos jogos matemáticos, variamos os materiais, para que as aprendizagens dos alunos fossem mais ricas e variadas.

Cabe, também, ao professor/educador integrar as aprendizagens das crianças com o meio que os rodeia e por isso é importante envolver os pais e as famílias no processo educativo. Nomeadamente, na PES III tentamos convidar os pais a participar nas pesquisas que eram solicitadas às crianças, por exemplo, sobre as castanhas e nas histórias da família que as crianças tinham de recontar através das fotografias.

De acordo com as OCEPE, um educador deve ter conhecimento das etapas que devem ser desenvolvidas ao longo das sessões, sendo elas: observar, planear, agir, avaliar comunicar e articular. Num primeiro momento, o educador deve observar o grupo de crianças de modo a conhece-las ao nível das suas capacidades, dos seus interesses e dificuldades, bem como recolher a informação necessária sobre o meio familiar em que a criança se insere. Ao longo deste mestrado, esta etapa esteve sempre muito presente pois foi a partir da observação e da informação que recolhemos sobre os grupos com que iríamos trabalhar que começamos a planear cada intervenção. É importante que, no decorrer da ação, sejamos capazes de continuar a observar e a refletir sobre as avaliações e as intenções educativas que vamos fazendo, de maneira a adequarmos ao grupo as aprendizagens necessárias.

A articulação é um aspeto essencial a outro nível: entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º CEB pois, enquanto cabe ao educador de infância preparar as crianças para um próximo nível, o 1.º CEB, este também é um papel associado ao professor do 1.º CEB que tem de preparar as crianças para o nível do 2.º CEB, além de acolher as crianças quando transitam da EPE. É, por isso, importante que os educadores e os professores se unam para encurtar esta ponte que existe entre os níveis de ensino.

No que concerne à integração do currículo, é importante refletir sobre as diferentes áreas curriculares abordadas na PES II e na PES III.

Relativamente à PES II, uma vez que estávamos no 1.º CEB, tivemos sempre em consideração as competências e os objetivos pretendidos tanto pelos Programas das diferentes áreas curriculares – Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões – como também a planificação trimestral do agrupamento.

Na área de Português, exploramos os vários tipos de texto e a sua escrita, exploramos a gramática, como a construção das frases, os verbos. Em relação aos textos, elaboramos ainda atividades que consistiam na exploração da história, recolha de informação principal, recolha de palavras, pesquisa de significados no dicionário.

Na área da Matemática, tentamos incentivar o ensino exploratório, sendo que nem sempre nos foi praticável. Tentamos proporcionar-lhes o contacto com materiais matemáticos sempre que possível, estimulando a exploração destes para que os alunos

enfrentassem os seus receios em relação à Matemática. Por exemplo, quando o tema do dinheiro foi abordado, proporcionamos às crianças brincar ao faz de conta, sendo que eles tinham de gerir o dinheiro que tinham consoante o que queriam comprar na loja que havia na sala para o efeito.

Na área de Estudo do Meio, tentamos despertar os alunos para algumas regras e cuidados a ter com o corpo, com o seu meio envolvente. Também, fizemos com eles alguns trabalhos experimentais alertando para algumas regras a ter em conta consoante os materiais a usar e para a importância de prever antes de procedermos à experiência e discutir os resultados.

No que concerne às Expressões, estas foram pouco trabalhadas por nós, uma vez que nesta turma havia alguns alunos com dificuldades de aprendizagem e a professora cooperante preferia que déssemos mais atenção às outras áreas. No entanto, sempre que possível tentávamos integrar esta área com as outras áreas.

Em relação à PES III as nossas planificações eram construídas de acordo as necessidades de aprendizagem das crianças, sendo que os temas iam sendo abordados conforme surgissem ao longo das semanas. Sendo que, todos os anos, nesta instituição escolhem uma obra que serve de fio condutor ao longo do ano letivo e por isso também nós exploramos a obra “A Menina do Mar” de Sophia de Mello Breyner Andersen. A linguagem oral e abordagem à escrita foi mais explorada através da obra que estava a ser pesquisada, sendo que a abordagem à escrita ficou um pouco de parte.

Contudo, ao longo das intervenções, o domínio da expressão dramática e a área da Matemática foram pouco exploradas, mesmo que por vezes tenham sido planeadas e não tenhamos conseguido concretizá-las.

Sendo assim, o Conhecimento do Mundo teve mais atenção uma vez que era esta área que prendia mais o interesse das crianças, pois o facto de estarem sempre a acontecer coisas novas à sua volta era motivo para sabermos mais. Foram no entanto, as expressões que dominaram os interesses das crianças pois estas sentiam liberdade para “criar”. Assim, as OCEPE referem que a criança deve usar o seu corpo para explorar movimentos, explorar materiais, manipular e transformar em novos objetos.

Em conclusão, ao longo de todas as práticas, as competências enquanto professora/educadora foram desenvolvidas sempre com a preocupação centrada nas crianças. Todas as crianças, dos grupos pelo qual passamos, proporcionaram-nos experiências diversificadas, preparando-nos para o futuro. Esperamos poder, num futuro próximo, colocar estas competências em prática, nunca descurando a contínua formação que um professor/educador deve fazer ao longo da vida.

Parte II – A utilização de materiais naturais na Educação Pré-Escolar

Introdução

A ideia desta investigação surgiu após as observações feitas na PES I, no âmbito da educação pré-escolar, no Agrupamento de Escolas Viseu Sul. As práticas da educadora cooperante, quanto à utilização de vários tipos de materiais, sendo eles maioritariamente de desperdício, desencadearam os processos de reflexão e aprofundamento que conduziram à realização deste estudo. Nomeadamente, as várias formas de interação e escolha por parte de cada criança levou a que questionasse se a oferta dos materiais poderia influenciar a sua criatividade na realização de trabalhos de expressão plástica. As observações realizadas em momentos em que várias crianças das quatro salas de jardim de infância partilharam reforçou este interesse pois era possível verificar muito maior personalização nos trabalhos realizados pela sala em que estagiamos. Por exemplo, no Dia de Reis, as coroas das crianças incluíam várias penas, utilizadas de distintas formas, além dos outros materiais escolhidos individualmente por cada criança para a decoração da sua coroa.

Assim, começamos esta investigação para procurar saber se a seleção e disponibilização de materiais por parte da educadora pode ou não influenciar as escolhas da criança e também influenciar o seu processo criativo. Apresenta-se, de seguida, a orientação do estudo, clarificando os propósitos que os guiaram, e os procedimentos metodológicos que se seguiram para concretizar os objetivos definidos.

Capítulo 1- Dispositivo de pesquisa

1.1. Orientação do estudo

Pretendeu-se estudar a temática da organização dos materiais, por parte do educador de infância, focando a disponibilização de materiais naturais e de elementos combináveis para a exploração, por parte das crianças, em diferentes atividades. Assim, o objetivo principal desta investigação foi descrever a apropriação e utilização de materiais naturais combináveis pelas crianças, tendo em consideração a organização pelo educador dos mesmos materiais em atividades estruturadas e orientadas pelo adulto.

Para abordar a temática, foram recolhidos dados em momentos distintos: a) observação durante o estágio e entrevista à educadora de infância, b) entrevistas às crianças em pequenos grupos, sem e com materiais presentes e c) duas atividades em que se colocaram à disposição das crianças um conjunto de materiais naturais, como, por exemplo, folhas, bolotas, conchas, areias, etc, e observou-se a exploração dos mesmos pelas crianças, solicitando-se a apreciação pelas crianças das suas criações/produções com os materiais.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar dão bastante importância à reflexão sobre as potencialidades dos materiais, sendo que referem que “Esta reflexão é condição indispensável para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças” (Ministério da Educação, 2016, p.28). Com o estudo realizado pretendeu-se refletir de forma mais aprofundada sobre o tipo de materiais utilizados e sobre a forma de organizar o acesso e utilização dos materiais pelas crianças.

Para orientação dos trabalhos, definiram-se os seguintes objetivos:

- Analisar a utilização de materiais enquanto dimensão da organização do ambiente educativo de uma educadora de infância;
- Caracterizar formas de apropriação pelas crianças das potencialidades de materiais naturais combináveis, ao nível do discurso e da sua utilização.

O estudo articulou-se com as intervenções realizadas no contexto de estágio da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada III, tendo adotado um caráter qualitativo. Nomeadamente, esta investigação assume o seu papel sobre as práticas observadas ao longo da PES. Tal como mencionam Bogdan e Biklen (1994), “Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o

contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência.” (p.48).

Neste estudo pretendeu-se recolher os dados no contexto de estágio, como referido anteriormente, recorrendo a métodos qualitativos, portanto, recorreremos à observação, a registos de notas, fotografias e a entrevistas, métodos adequados a um estudo qualitativo descritivo. Segundo Bogdan e Biklen (1994), na investigação qualitativa, que é descritiva, “Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em que foram registados ou transcritos.” (p. 48). Estes autores também assumem que os investigadores qualitativos preocupam-se mais com o processo da investigação do que pelos resultados que daqui surgem.

1.2. Participantes no estudo e justificação da escolha

Para a realização desta investigação foram necessários participantes que colaborassem no desenvolvimento deste estudo. Assim, tratando-se de uma investigação sobre as práticas que se desenvolveu em contexto de estágio, a educadora titular do grupo participou neste estudo, bem como todas as crianças da sala em questão. Consideraram-se todos estes participantes fundamentais para a investigação. De forma mais indireta, mas igualmente importante, referem-se as duas colegas de grupo de estágio e a assistente operacional da sala que, enquanto elementos da equipa educativa, participou ativamente, no que diz respeito à proposta de atividades realizadas para a posterior observação e durante os meses de estágio.

O grupo que participou na investigação era composto por vinte e cinco crianças, sendo que nove eram do sexo masculino e dezasseis eram do sexo feminino. Este grupo demonstrou-se bastante participativo e empenhado nas tarefas que lhe foram sendo propostas.

A sala onde foi realizada a investigação era bastante acolhedora e com uma vasta oferta de jogos didáticos e materiais, nomeadamente no que diz respeito aos domínios das expressões, vertentes plástica e musical. Foi devido aos materiais naturais disponibilizados na sala, normalmente associados a atividades de expressão plástica, que surgiu o interesse de realizar uma investigação sobre o tema. A educadora trazia, quase diariamente, vários materiais naturais diferentes para a sala. Por vezes, apresentava-os de forma intencional; outras vezes apenas os arrumava no cantinho da expressão plástica a fim de observar se estes eram procurados pelas crianças ou não.

1.3. Procedimentos de recolha de dados

Para o sucesso desta investigação, considera-se que a observação participante foi a principal forma de recolha de dados. Relativamente à observação participante, tal como o nome indica, o investigador tem um papel ativo, ou seja, como refere Anguera (1985), “A observação participante é uma técnica de investigação social em que o observador partilha, na medida em que as circunstâncias o permitam, as atividades, as ocasiões, os interesses e os afetos de um grupo de pessoas ou de uma comunidade”. Enquanto estagiária na sala, concretizava-se a participação na vida do grupo que se observava. A observação teve como apoio um diário de bordo onde foram realizados registos diários sobre a questão em estudo, bem como registos fotográficos sobre os existentes na sala (Anexo 1) e os trabalhos das crianças. Sendo que estas observações e registos foram realizados no período de estágio, ou seja, de setembro a janeiro.

Ao longo deste período, foram observados alguns momentos em que as crianças utilizavam os materiais naturais, tanto a nível de atividades propostas pela educadora ou pelas estagiárias como a nível de atividades livres. Foi através das análises feitas a estas observações que conseguimos perceber o interesse das crianças na utilização dos mesmos nas suas atividades de expressão plástica.

Em termos de recolha de dados, também foram feitas entrevistas à educadora e às crianças. Estas foram bastante importantes na medida em que o investigador pode recolher dados sob uma outra perspetiva. Assim estas entrevistas revelaram-se essenciais uma vez que este estudo surgiu após as observações das práticas da educadora, como já referido anteriormente.

No que diz respeito à entrevista feita à educadora, é de referir que esta foi realizada de uma forma informal, uma vez que esta demonstrou pouco à vontade em responder. Assim, foram colocadas algumas questões no decorrer de certas atividades livres com estes materiais. Uma das questões principais era perceber a intenção da educadora ao levar este tipo de materiais, como as penas, as conchas, as sementes, para dentro da sala. O guião que foi orientando os diferentes momentos de troca de ideias encontra-se em anexo (Anexo 2).

As entrevistas às crianças foram importantes para esta investigação, pois como referem Oliveira-Formosinho e Araújo (2008, p.19), “os detalhes proporcionados pelas crianças poderão ser mais ricos e as revelações poderão ultrapassar aquilo que é comumente conhecido pelos adultos”. Estas entrevistas foram realizadas em dois momentos diferentes.

Num primeiro momento, foram feitas entrevistas às crianças sobre os materiais naturais que conheciam e como os poderiam utilizar. Sendo que neste momento as crianças lembravam o que conheciam do seu dia-a-dia na sala com os materiais naturais que ali haviam e que reconheciam como vindos da rua.

A segunda fase começou por uma conversa com as crianças, sendo que ia surgindo um material de cada vez, como por exemplo, flores do campo, carrascas, conchas, musgo, etc. neste momento, era solicitado às crianças que falassem sobre as características de cada material, explicar de onde vinha, para que podiam utilizar e se outros meninos tinham à disposição também este tipo de materiais para trabalharem.

As entrevistas foram realizadas em situações diferentes. Primeiro surgiram, ao longo do período de observação, algumas questões relacionadas com os materiais naturais que as crianças já conheciam e já estavam mais familiarizadas na sala (Anexo 3). Para a segunda fase, as crianças foram reunidas em pequenos grupos para a entrevista onde eram apresentados materiais naturais (Anexo 4 e 5) de modo a perceber se estas os reconheciam e de que forma os identificavam.

Posteriormente, foi-lhes proposto a realização de trabalhos com esses mesmos materiais (Anexo 6). Primeiramente, apenas foram colocados à disposição das crianças materiais naturais, sendo que estas poderiam realizar um trabalho livre. Nesta atividade as crianças escolhiam os materiais e iam criando consoante o que lhes ia surgindo. Na última parte das atividades desenvolvidas, foi proposto às crianças realizarem um projeto através do desenho para depois o concretizarem com uma vasta oferta de materiais tanto naturais como artificiais, como por exemplo, tecidos, tampas de plástico, etc. (Anexo 7). Nesta segunda atividade foi proposto às crianças a realização de um projeto, ou seja, elas teriam de projetar numa folha A4 branca o que queriam construir posteriormente, sem saberem que materiais teriam à disposição para realizar o projeto. Nesta atividade, e depois das crianças apresentarem o projeto do seu trabalho, foram colocados à disposição destas, vários materiais para além dos materiais naturais referidos na atividade anterior. Nesta atividade foram incluídos materiais tais como tecidos, lã, tampas de plástico, arames revestidos, etc.

1.4. Processo de análise e tratamento de dados

Ao longo da investigação foram recolhidas várias informações, nomeadamente dados relevantes ao estudo, sendo que foi necessário organizá-los e trata-los de forma a irem ao encontro dos objetivos propostos. Tal como referem Bogdan e Biklen (1994,

p.232) o investigador deve “organizá-los de modo a ser capaz de ler e recuperar os dados à medida que se apercebe do seu potencial de informação”.

Foi através destas primeiras informações recolhidas que chegamos à conclusão de que deveríamos fazer uma entrevista às crianças e algumas atividades para podermos dar resposta aos objetivos propostos.

Nas entrevistas foram tiradas notas para assim percebermos a visão das crianças em relação aos materiais naturais. As informações recolhidas neste momento foram analisadas com a ajuda de uma tabela, a fim de percebermos as intenções das crianças em relação aos materiais.

Em relação às atividades que foram propostas analisamos a intenção das crianças através de algumas notas no momento da realização de cada atividade, recolhemos informações, também, na forma como cada criança explicava o que havia realizado e registamos através da fotografia.

Para cada análise foram organizados os dados que apresentavam ideias em comum e os que se diferenciavam, permitindo dar sentido às diferentes recolhas.

Capítulo 2 – Enquadramento teórico-conceptual

2.1. Espaço e materiais como dimensão da organização do ambiente educativo

A organização do espaço da sala é expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização (Ministério da Educação, 2016, p.28).

É bastante importante para o educador sentir-se à vontade com a organização do espaço e dos materiais de forma a proporcionar e disponibilizar as melhores experiências às crianças. Fazendo com que a criança tenha “Esta apropriação do espaço dá-lhes a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneiras, por vezes imprevistas e criativas e de forma cada vez mais complexa” (Ministério da Educação, 2016, p.28).

Como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, os critérios a ter em conta na escolha dos materiais referem-se a variedade, funcionalidade, durabilidade, segurança e valor estético, valorizando-se o aproveitamento de material de desperdício.

Considera-se que o facto do aproveitamento de materiais de desperdício, ou seja, materiais que já serviram para outras coisas, como embalagens de cartão, garrafas de plástico, etc, pode ser um fator desafiador da criatividade por parte da criança, uma vez que estas podem dar nova utilidade ou sentido a materiais que conhecem do dia a dia. Assim, pressupõe-se que as crianças possam explorar diferentes materiais, texturas, elementos da natureza, etc. Logo, “Cabe também ao/a educador/a explorar com as crianças temas, personagens e histórias que as imagens contam e levá-las, de modo progressivo, a descobrirem a importância e expressividade dos elementos formais da comunicação visual” (Ministério da Educação, 2016, p.53).

Como está patente nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, o educador deve dar bastante atenção à seleção dos materiais devido a vários fatores, como a qualidade e a segurança pois

A multiplicidade e diversidade de todos estes possíveis materiais exigem uma organização cuidada que facilite o

acesso e utilização autónoma por parte das crianças, incentivando o desenvolvimento da capacidade expressiva de cada criança e do grupo (Ministério da Educação, 2016, p.53)

É assim, importante referir que o educador deve proporcionar às crianças o contacto com diferentes materiais de forma a que possam identificá-los e agrupá-los. É importante que as atividades permitam que as crianças tenham conhecimento que os objetos são compostos por diferentes materiais, pois como refere Gomes (2014)

há diferentes tipos de materiais no recreio e na sala de atividades, como são por exemplo os naturais – as folhas das árvores, as penas, as pedras (rochas), os paus, e os objetos materiais artificiais como por exemplo as tampas de garrafas (plástico), tijolo (cerâmica), etc. e que os objetos com que diariamente trabalham e brincam são transformados a partir de materiais de origem natural e/ou não naturais ou artificiais.

Em suma, a organização do espaço e dos materiais tem bastante relevância para desenvolver a aprendizagem da criança e a sua interação com diferentes contextos.

2.2. Recursos didáticos no âmbito da educação pré-escolar

Os recursos didáticos são definidos por Correia (1995, p.9) como sendo “todo o material utilizado no processo ensino/aprendizagem com o objetivo de o tornar mais rápido e eficaz”. Então, os recursos utilizados pelas crianças devem ser escolhidos com intencionalidade de forma a ir ao encontro dos propósitos educativos pretendidos.

Pode mencionar-se que a questão do incentivo à utilização de diversos materiais estará a dar espaço à criança para não se limitar a um determinado “padrão” proposto pelo material em si, dando assim importância às aprendizagens e ao momento criativo da criança. Pois, Sant’Anna e Menegolla (1991, p.34, citado por Raposo) consideram que “os recursos ou meios para o ensino referem-se aos vários tipos de componentes do ambiente de aprendizagem que dão origem à estimulação para o aluno”.

São vários os autores que definem materiais didáticos como algo que ajuda a construir aprendizagens. Bezerra (1962, p.8 citado por Caldeira, 2009) define-os como “todo e qualquer acessório usado pelo professor para realizar a aprendizagem” e também Hole (1997, citado por Caldeira, 2009) vai mais longe dizendo que os materiais didáticos são “todos os meios de aprendizagem de ensino”.

Todos os materiais utilizados pelas crianças, de uma forma ou de outra, levá-las-á a adquirir imensos conhecimentos e aprendizagens. Com a utilização de vários materiais, mesmo sendo eles comuns no dia a dia, a criança vai ter a oportunidade de explorá-los e criar novas com eles.

Caldeira (2009, cit. por Silva, 2014) referindo um documento mencionado pelo Ministério da Educação e Ciência, em 1992 (Programa 1.ºCEB), afirma que “o material é um instrumento de primeira ordem no desenvolvimento da tarefa educativa, uma vez que é utilizado pelas crianças para realizar suas atividades, suas brincadeiras e aprendizagens”.

2.3. Utilização de materiais naturais em contexto pré-escolar

Na abordagem de *High Scope*, surgem como princípios fundamentais a imperatividade da interação das crianças com os materiais e o Mundo à sua volta. Assim, *High Scope* (s/d) considera que a interação e a exploração de materiais, nos primeiros anos de vida, é o pilar fundamental para o desenvolvimento da criança. A utilização de materiais naturais em contexto pré-escolar ainda não é um facto muito comum, pois estes materiais ainda são pouco vistos como uma ligação à natureza e ao mundo que nos rodeia. Por vezes, quando estes materiais surgem apenas são classificados como algo que aparece como ícone de decoração e não com um objetivo definido e integração da natureza.

As possibilidades de explorar o seu mundo e as suas capacidades pessoais são cruciais para as crianças, sendo necessário disponibilizar materiais diversificados, versáteis e não convencionais. Assim sendo, é importante construir espaços em que as crianças possam olhar para os materiais provenientes da natureza e consigam imaginar para além daquilo que vêem.

Uma das linhas que mais tem valorizado a utilização de materiais naturais baseia-se no conceito que Simon Nicholson introduziu em 1970 na teoria das Loose Parts, ou partes soltas. Segundo este autor, os adultos ao planear os espaços e os materiais com que as crianças se vão encontrar na sua experiência escolar esgotam as partes soltas, sem deixar espaço à brincadeira criativa das crianças.

As partes soltas podem estar em superfícies; nas relações entre espaços; em espaços dentro de espaços; na luz, através da manipulação da entrada de luz natural ou de elementos de iluminação artificial; na cor ou na textura das superfícies que definem esses espaços. Os objetivos que estabelecem partes soltas são aqueles sem função pré-definida; que podem valer por si ou serem combinados, etc (Nicholson,

1971). Esta ideia de combinação possível, de não função restritiva é válida para os materiais naturais, especialmente quando são descontextualizados – um conjunto de penas de galinha ou um saco cheio de conchas, como a educadora M. foi trazendo para dentro da sala. Embora possam servir de ponto de partida para explorar o contexto de onde originam - a pena levar à galinha - podem manter-se em aberto, com possibilidades de combinação criativas.

Contestando as restrições impostas às crianças na concepção dos seus ambientes, este autor propõe que lhes sejam dadas possibilidades de ação criativa, interventiva nesse espaço, notando que “children learn most readily and easily in a laboratory-type environment where they can experiment, enjoy and find out things for themselves” (p. 31). O autor considera ainda a perspectiva da educação ambiental, a partir da qual as partes soltas dos espaços para a infância são a envolvente da escola – o ecossistema total (natural e produzido pelo ser humano) é objeto de aprendizagem. Deste modo, permitir que o espaço físico “acolha e encoraje o desenvolvimento da criança ao longo do ano escolar passa, não só por dar espaço aos projetos educativos, mas em criar – ou deixar – possibilidades de intervenção às crianças e educadores (na resposta às necessidades das primeiras)” (Bigode, 2013, p. 79).

McKellar (1957, cit. por Duffy, 2004) refere que “a criatividade não ocorre no vazio. Todo o pensamento criativo tem fontes externas, que podem ser remotas ou recentes, conscientes ou inconscientes. A criatividade consiste em relacionar e rearranjar a informação oriunda dessas fontes”. A criatividade não se pode cingir apenas às áreas das expressões artísticas, mas que também surge nas outras áreas de aprendizagem. Pois, tal como refere Duffy (2004), a criatividade cinge quatro termos essenciais, como a exploração, a descoberta, a reflexão e a expressão. Ou seja, todos estes termos estão relacionados com qualquer das áreas disciplinares e podem ajudar no desenvolvimento da criatividade da criança.

Se conseguirmos alimentar o interesse da criança pela criatividade e pela exploração de novos materiais, novas representações, novas perceções do Mundo que a rodeia, estaremos a formar indivíduos ativos e sem medos de contactar com o desconhecido, que não tenham medo de procurar, de explorar, de experimentar. Uma criança que “aprende” a criar sozinha, sem a dependência de um adulto será um indivíduo mais capaz de resolver os seus problemas sozinho sendo capaz assim, de promover a sua auto-estima. Kindler (1995, cit. por Duffy, 2004, p.139) afirma, no entanto, que “a mera disponibilidade de materiais não é suficiente; o *input* adulto é necessário”. Este *input* inicia-se com a seleção e disponibilização dos materiais mas inclui outras intervenções, mais interativas e que incluem a promoção de interações entre as crianças. As próprias experiências do adulto podem influenciar as atividades

propostas às crianças, pois o ambiente que este cria de alguma forma pode oprimir a sua imaginação. Também o meio em que a criança está inserida, as outras crianças que a rodeiam, e mesmo a opinião que outros podem ir emitindo ao longo do trabalho da criança podem ser fatores de influência para o trabalho da criança.

Assim, a criatividade da criança está condicionada pelo adulto, pois este é que organiza o espaço onde esta vai trabalhar, também seleciona o conjunto de materiais que coloca à disposição da criança. Então, verifica-se que apesar de podemos dar grande importância ao momento criativo da criança, este vai estar condicionado pelo que lhe é colocado à disposição para criar. No seguimento das ideias de Nicholson (1971), oferecer partes soltas, combináveis, e com ligação direta à Natureza é um critério importante.

Capítulo 3 – Apresentação e discussão dos resultados

3.1. Observações durante o período de estágio

Como já foi referido anteriormente, a questão em estudo surgiu da observação na PES I, sendo que as atividades desenvolvidas foram realizadas ao longo das intervenções da PES III. Ao longo destas intervenções foram realizadas observações e registo em diário de bordo, bem como entrevistas, tanto às crianças como à educadora. Neste período foram realizadas algumas atividades que levaram ao interesse pela investigação, como por exemplo, as coroas do Dia de Reis (fig.1) onde é visível a utilização de materiais naturais, como penas e nozes. Foram várias as atividades onde pudemos observar a utilização destes materiais.



Figura 1 - Coroa do Dia de Reis (PES I)

Quando voltamos à instituição no âmbito da PES III, verificamos que a utilização dos materiais naturais continuava bem presente na sala e nas decisões das crianças à cerca da escolha de materiais a utilizar nas atividades de expressão plástica. Sendo assim, foram planeadas algumas atividades onde as crianças pudessem usar estes materiais, bem como deixar à sua disposição nos trabalhos livres.

As crianças realizaram, por exemplo, um trabalho livre sobre o livro “A Menina do Mar” de Sophia de Mello Breyner Andersen, onde queriam representar a praia e pediram para usarem os materiais naturais que tinham na sala relativos ao tema da praia. Assim, puderam usar areia e conchas para “Os trabalhos ficarem mais parecidos com a praia como ela é na verdade” (F., fem., 5 anos).

3.2. Observações durante o estágio e primeiras entrevistas com educadora e crianças

Ao longo do estágio da Prática de Ensino Supervisionada III as crianças foram observadas e questionadas sobre as suas interações com os materiais naturais, uma vez que por diversas vezes procuravam-nos quando iam trabalhar para a área da expressão plástica. Estes materiais podem encontrar-se no armário onde estão outros materiais de plástica à disposição. São materiais que estão separados em recipientes diferentes, facilitando a escolha das crianças.

Também, nesta fase, foi-se tomando notas num diário de bordo, sobre o tipo de materiais existentes na sala e de que forma é que eles apareciam e porquê. Neste sentido, verificamos que por vezes alguns materiais surgiam apenas porque alguém se tinha lembrado de trazer para a sala enquanto outros já surgiam com um propósito definido. Os materiais naturais que foram surgindo pela mão das estagiárias tinham já um propósito definido nas planificações e por isso eles surgem naturalmente sem que as crianças estranhem.

3.2.1. Análise das entrevistas com a educadora de infância

A partir das conversas estabelecidas com a educadora, foi possível aferir que um dos principais aspetos da utilização de materiais naturais para ela diz respeito ao contacto das crianças com os materiais dando-lhes uma visão do meio que as rodeia e do que dele podemos retirar. Com estas experiências, na opinião da educadora, são proporcionadas aprendizagens diversas e significativas afirmando que “gosto também de proporcionar a utilização destes materiais nas atividades de caráter plástico e artístico uma vez que lhes desenvolve o sentido estético de uma outra forma” (educadora M.). Além destas dimensões - contacto com a Natureza e sentido estético - a educadora revelou que o poder de despertar a curiosidade das crianças é um dos fatores que a motiva e também o facto de as encorajar a colocar questões. Reforça a ideia de que “lhes desperta o sentido de preservação do ambiente, “mostrando-lhes” assim o que tem à sua volta aguçando-lhes a o gosto pela preservação e reconstrução” (educadora M.).

A educadora começou por mencionar que na maior parte das vezes leva para dentro da sala os materiais sem pensar previamente no que pode surgir. Contudo, reconhece que acaba por ter a intenção de “Dar a conhecer acerca do meio envolvente, proporcionando aprendizagens diversas e significativas. Aproveitar os recursos que

possuímos, favorecendo o desenvolvimento e a compreensão racional e científica dos fenómenos naturais” (educadora M.). A educadora dá imensa importância à horta, referindo-se a esta como uma boa fonte de pedagogia, uma vez que elas podem aprender nas diversas vertentes. A educadora defende que o contacto com estes materiais leva as crianças a valorizar o contacto com a natureza e o que esta nos pode oferecer, sendo que a devemos respeitar sempre. Esta refere-se, ainda, à “utilização destes materiais nas atividades de carácter plástico e artístico uma vez que lhes desenvolve o sentido estético de uma outra forma” (educadora M.).

Ao longo das observações e das conversas com a educadora, também surgiu a questão de como eram selecionados os materiais naturais. Na sua grande maioria surgem pela mão da educadora, sendo que esta diz que não tem um critério definido para os recolher. Muitas vezes, até no caminho de casa à escola ela os recolhe, tendo atenção às suas características, como as texturas, as cores, os cheiros, etc. Quando os materiais chegam à sala, sem uma intenção definida por parte da educadora, são colocados à disposição do grupo de crianças para que sejam eles a decidir o que fazer com eles, como ou para que fim os usar. Consideramos que esta abordagem se aproxima bastante das ideias expressas pela teoria das partes soltas (Nicholson, 1971).

Na opinião da educadora, este poder de decisão que se dá às crianças na escolha dos materiais proporciona-lhes uma maior liberdade criativa, pois a promoção de contextos criativos com estes materiais demonstra ser uma prioridade. Assim, a educadora defende que na expressão plástica “...não só permite observar e manipular os materiais, como também pode oferecer a possibilidade de comunicarem a sua visão sobre o meio envolvente. São as ações criativas que desperta o interesse e não tanto o resultado final. É o prazer de explorar e construir algo.”, sendo que “estes materiais permitem uma rica transformação operacional e simbólica, para além de não existirem limites quanto à variedade destes materiais” (educadora M.).

Os materiais naturais podem ser considerados materiais lúdicos, apresentando assim uma variedade de ocasiões lúdicas para as crianças. Com estes materiais é-lhes dada a possibilidade de brincar, criar e inventar a partir daquilo que a natureza nos oferece todos os dias. Segundo a educadora “estes materiais permitem uma rica transformação operacional e simbólica, para além de não existirem limites quanto à variedade destes materiais.

Assim, chegamos ao ponto que nos levou a fazer esta investigação, pois para a educadora o ponto de partida para todo este trabalho que envolve os materiais naturais surge através das reações das crianças, ou seja, o facto destes materiais despertarem a curiosidade das crianças para o meio que os envolve.

3.2.2. Análise das entrevistas às crianças

Num primeiro momento conseguimos perceber se as crianças gostam de usar estes materiais, se são diferentes de outros existentes na sala, de onde acham que vêm os materiais e se as crianças das outras salas também têm acesso a eles (uma vez que a instituição onde foi realizada a investigação tem mais três salas de Educação Pré-Escolar). Nesta primeira entrevista as crianças deram diferentes sentidos aos materiais sendo que as suas respostas foram agrupadas por categorias na análise.

Inicialmente, as respostas das crianças surgem de uma perspetiva mais estética, dizendo que os materiais são bons “Para fazer trabalhos, porque ficam mais giros com os materiais diferentes” (M., fem., 4 anos). Para além do gosto em utilizar os materiais naturais existentes na sala, um dos motivos pelos quais dão uso a este tipo de materiais é porque consideram que os seus trabalhos ficam mais parecidos com a realidade, ou seja, a criança compara os materiais ao seu significado real pois “Quando usamos as penas nos desenhos dos pássaros, eles parecem que estão mesmo a voar” (M.I., fem., 5 anos) ou “Porque o desenho parece paisagens verdadeiras” (F., fem., 5 anos).

As crianças têm a perceção de que estes materiais são diferentes e que vêm da rua e que os outros materiais que têm à disposição têm de ser comprados, uma das crianças afirma mesmo que “as penas, as folhas, as sementes são encontradas e depois há uns materiais que são comprados e são de plástico, já não vem da natureza” (M.M., mas., 5 anos). As crianças têm muito presente que estes materiais chegam à escola pela mão da educadora, das estagiárias ou até mesmo pela mão de algumas crianças. Pois uma vez que os materiais naturais estão tão presentes na sala também elas têm o à vontade de recolher e trazer para dentro da sala materiais vindos da natureza.

As crianças reconhecem que os materiais vêm do exterior, contudo ainda não associam à verdadeira origem: a Natureza. Para elas, a origem natural dos materiais é o exterior do jardim de infância, por exemplo, as crianças sabem que “As penas vêm das pombas e quando caem no chão nós apanhamos e trazemos para a escola” (R., masc., 3 anos). Isto é, as crianças atribuem a verdadeira origem do material à Natureza, contudo sabem que estes chegam por meio de alguém. As crianças reconhecem que os materiais aparecem por influência do adulto e por isso é que se tornam acessíveis na sala.

No que concerne, à existência de materiais naturais no exterior desta sala, as crianças têm dificuldades em reconhecer que outras crianças possam também ter ao seu dispor esses materiais. Quando as crianças conseguem associar a utilização de materiais naturais por parte das outras salas, não excluem a sua própria sala.

Reconhecem, assim, que estas só têm acesso a estes materiais porque os solicitam na sala 1. Por isso, o uso de materiais naturais é reconhecido, pelas crianças, como fazendo parte da identidade da sua sala, algo que os distingue das restantes salas/grupos, ainda que percecionado a possibilidade de as crianças os usarem – pedindo emprestado ou pensando por si ou em casa na sua utilização. Sendo assim, as crianças reconhecem autonomia nas outras crianças (das outras salas) para quererem utilizar os materiais naturais, pois referiram que “Elas podem pensar na sua cabeça que estas coisas (materiais naturais) dão para brincar e também podem lembrar-se de trazer para a escola” (T., masc., 5 anos) ou mesmo que “Podem usar em casa e nós não vemos se eles brincam (com os materiais)” (M.M., masc., 5 anos).

3.3. Análise das entrevistas às crianças – com presença dos materiais

As primeiras intervenções surgiram na continuidade das entrevistas realizadas às crianças e à educadora, uma vez que foram surgindo questões pertinentes que despertaram interesses sobre a utilização dos materiais naturais pelas crianças.

No momento da segunda entrevista os materiais naturais selecionados (flores, carrascas, feijão, pinhas, musgo, algas, conchas e penas de gaivota) foram apresentados um a um para tentarmos perceber se as crianças sabiam o que era, que nome lhe era atribuído, se já tinham usado, de onde vinha, se lhes fazia lembrar alguma coisa, o que poderiam fazer com cada um dos materiais ou até mesmo pensarem o que os outros podiam fazer com eles.

As crianças facilmente identificaram cada um dos materiais apresentados, referindo também, na sua maioria, que sabiam de onde vinham, referindo com frequência a casa dos avós ou a influência de um adulto, ou seja, sabem que aparece da natureza, do campo, da floresta, etc. Contudo, reconhecem que só aparece porque alguém recolhe e leva para o jardim de infância. Agrupam, facilmente, os materiais apresentados consoante as suas origens e as suas características. Na sua maioria são transportados na sua imaginação e para o que podem criar com estes materiais. É de referir, que no caso do feijão, as crianças associaram também a um produto alimentar.

Ao longo desta entrevista as crianças foram demonstrando outros interesses por cada material. O tato e o olfato são dois dos sentidos que as crianças mais usam, para além da visão, para observarem os materiais. Também é através destas sensações que descobrem o que podem fazer com cada um dos materiais (Anexo 6).

Ao questionar as crianças sobre o que poderiam fazer com esses materiais, constatou-se que estas atribuem o mesmo “papel” que estes têm na realidade. Revelam-nos que utilizavam, por exemplo, as flores – para decorar um trabalho sobre um jardim.

Um facto importante foi a forma como as crianças responderam à solicitação de “arrumar” os materiais, pois, segundo elas, todos os materiais vinham da natureza, no entanto de naturezas diferentes. Assim, algumas crianças do grupo dos 5 anos (J.M., mas., F., fem., T., masc., M.I., fem.) separaram os materiais naturais da praia – conchas, algas, penas de gaivota -, os materiais naturais da floresta – carrasca, pinhas, musgo -, e os outros materiais naturais – flores do campo e feijão.

Após a realização das entrevistas foram planeadas e implementadas duas atividades.

3.4. Primeiras intervenções – observações e discurso das crianças e análise das produções

Na segunda fase desta intervenção e após a conversa sobre os materiais, foi proposto às crianças a realização de alguns trabalhos com os materiais vistos anteriormente.

Foi escolhida a sala da Componente de Apoio à Família (CAF) uma vez que é uma sala mais vazia de trabalhos, de forma a não influenciar as escolhas das crianças. Esta sala é composta por duas mesas, sendo que usamos o parapeito da janela para colocar os materiais à disposição de todas as crianças (fig.2).



Figura 2 - Organização dos materiais na primeira intervenção

A distribuição das crianças pelas mesas foi feita consoante o número de crianças de cada grupo, uma vez que dividimos o grupo de trabalho por idades. No que concerne à base de trabalho, era de cartão, sendo que existiam placas de cartão de vários tamanhos e também alguns rolos de cartão (fig.3).

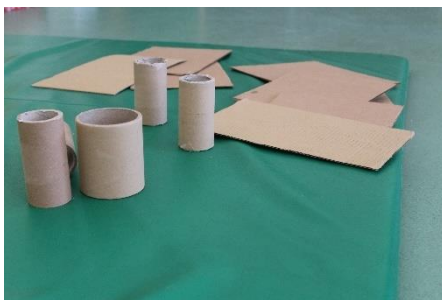


Figura 3 - Bases de cartão

Tal como foi referido anteriormente, as crianças separaram os materiais da forma que para eles fazia mais sentido, ou seja, sendo que todos os materiais vinham da natureza, as crianças encontraram maneira de os “arrumar” consoante o sítio de onde tinham vindo.

Nesta fase de trabalho, as crianças fizeram a sua seleção dos materiais que queriam usar e começaram a trabalhar. No entanto, foi possível observar que a maioria das crianças fez uso dos materiais de forma a fazer correspondência ao seu verdadeiro significado, ou seja, não conseguiram desconstruir o material e dar-lhe outro significado. Como exemplo podemos referir que as crianças foram ao encontro da história que andavam a trabalhar e escolheram os materiais sobre a praia para representar uma parte da história (fig.4).



Figura 4 - "A praia" - momento em que o menino oferece uma flor à Menina do Mar (F.A., fem., 5 anos)

Mesmo assim, observamos que três crianças de cinco anos, uma de quatro anos e duas de três anos, decidiram criar a partir destes materiais. A M.I. (fem., 5 anos) fez um “coelho barbudo” (fig.6) em que usou os materiais à disposição para transforma-los em olhos, nariz, boca, barba e orelhas. Também o M.P. (masc. 5 anos) fez um “Urso Pardo” (fig.5) explicando que era “um urso que andava pela selva à procura de comida”. Esta criança fez os olhos com carrascas, as orelhas com casca de noz, o cabelo com musgo, com um nariz de areia e uma boca de feijões. O S. (masc., 5 anos) fez um “Senhor” (fig. 7) usando os feijões para fazer a boca e os olhos, as cascas de noz para fazer o nariz e o musgo para fazer o cabelo. A B. (fem., 4 anos) fez uma representação

de um “Jardim da B” (fig.8) explicando que o “cone” era um regador, fazendo o caule das flores com feijões. O P. (masc., 3 anos) fez um “Campo de Futebol” (fig.9) usando as carrascas para fazer os bancos dos jogadores, as cascas de nozes e o búzio para fazer as bancadas e o feijão usou como bola. O R.L. (masc., 3 anos) construiu um “Parque” (fig. 10) explicando que os baloiços foram feitos com cascas de noz, o escorrega com carrascas e “os bancos onde fica o avô foram feitos de feijões e conchas”.



Figura 5 - Primeira intervenção - "Urso pardo" (M.P., masc., 5 anos)



Figura 6 - Primeira intervenção - "Coelho barbudo" (M.I., fem., 5 anos)



Figura 7 - Primeira intervenção - "Senhor" (S., masc., 5 anos)



Figura 8 - Primeira intervenção - "Jardim da B" (B., fem., 4 anos)



Figura 9 - Primeira intervenção - "Campo de futebol" (P., masc., 3 anos)



Figura 10 - Primeira intervenção - "Parque" (P.L., masc., 3 anos)

Concluindo, podemos observar que ao explorarmos os materiais naturais antes do processo de criação dos trabalhos pode vir a influenciar a escolha dos materiais e a forma como são usados, uma vez que a grande maioria das crianças explicou os seus trabalhos com base nas descrições que tinham usado aquando da exploração dos materiais naturais.

3.5. Segundas intervenções (projeto) – observações e discurso das crianças e análise das produções

Nas segundas intervenções realizadas, foram feitas atividades consoante o que foi observado e analisado na primeira fase desta investigação: considerou-se que o conhecimento dos materiais e a análise destes pode influenciar o processo de criação das crianças. Sendo assim, após uma breve conversa sobre os trabalhos realizados na intervenção anterior, foi proposto às crianças que realizassem um projeto antes de conhecerem os materiais que iriam ter à sua disposição quando fossem realizar o projeto.

A escolha da sala, a disposição das crianças e dos materiais foi a mesma utilizada na primeira atividade (fig.2). As bases para a realização do projeto foram iguais às da primeira atividade, ou seja, as bases e os rolos de cartão (fig.3).

Na primeira fase do projeto (fig.11; 12; 13; 14; 15 e 16), as crianças sentiram-se mais livres para criar o que iriam concretizar depois, uma vez que não se sentiram pressionados com os materiais. Em alguns momentos, ao longo da realização dos projetos, houve crianças que mencionaram a utilização de alguns materiais, recordando assim os materiais naturais usados anteriormente.



Figura 12 - Segunda intervenção - Projeto M.I. (fem., 5 anos)

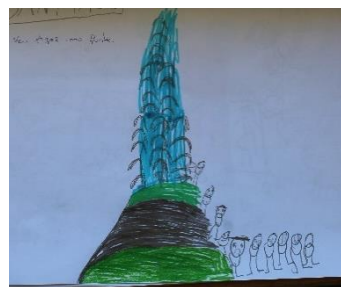


Figura 11 - Segunda intervenção - Projeto S. (masc. 5anos)



Figura 13 - Segunda intervenção - Projeto B. (fem., 4 anos)



Figura 14 - Segunda intervenção - Projeto M. (fem., 4 anos)



Figura 16 - Segunda intervenção - Projeto M.M. (masc., 5 anos)

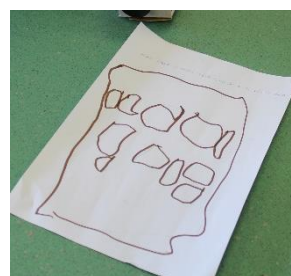


Figura 15 - Segunda intervenção - Projeto P. (masc., 3 anos)

Na segunda fase, as crianças depararam-se com uma oferta de materiais vasta, não só materiais naturais como outro tipo de materiais, como tecidos, tampas de plástico, etc. Nesta fase foi pedido às crianças que colocassem em prática o seu projeto e escolhessem os materiais a utilizar de acordo com o que pretendiam.

Foi possível observar que o surgimento de materiais diferentes dos que já lhes tinham sido apresentados propiciou a sua escolha pondo muitas vezes de parte os materiais naturais falados anteriormente.

Contudo, não podemos deixar de salientar que, nesta fase, as crianças tiveram mais atenção ao cumprimento dos pormenores que tinham projetado no desenho anteriormente. Procuraram, assim, materiais que mais se adequavam ao que pretendiam acabando por se esquecer do seu verdadeiro significado, conseguindo olhar para os materiais de uma forma mais alargada e criativa (fig.17; 18; 19; 20; 21 e 22).

Por vezes, as crianças sentiram algum receio em conseguir materiais o mais parecido com o que tinham projetado, desconstruindo facilmente essa ideia inicial e procurar materiais de forma a dar uma melhor resposta ao projeto.



Figura 17 - Segunda intervenção - realização do projeto da M.I. (fem., 5 anos)



Figura 18 - Segunda intervenção - realização do projeto do S. (masc., 5 anos)



Figura 19 - Segunda intervenção - realização do projeto da M. (fem., 4 anos)



Figura 20 - Segunda intervenção - realização do projeto da B. (fem., 4 anos)



Figura 21 - Segunda intervenção - realização do projeto do M.M. (masc., 5 anos)



Figura 22 - Segunda intervenção - realização do projeto do P. (masc., 3 anos)

Conclusões do estudo

Apresentamos de seguida as conclusões finais do estudo em questão. Iremos sistematizar os resultados obtidos, mencionaremos algumas limitações do estudo e mencionaremos o contributo que a investigação teve para nós, a nível pessoal e profissional.

Este estudo permitiu investigar, refletir, compreender e encontrar respostas para a questão que surgiu nas observações da Prática de Ensino Supervisionada I: “A utilização dos materiais naturais pelas crianças”. Esta questão veio desencadear a curiosidade sobre como e porque é que as crianças tinham interesse em usar estes materiais nos seus trabalhos. Pretendemos observar a intenção das crianças nas suas escolhas e se a educadora teria alguma influência nestas. Este tema surgiu das práticas sendo de grande importância referir que este é interpretado pela criança como um elemento distintivo.

Foi devido a estas questões iniciais que decidimos dividir as intervenções em diferentes fases de modo a perceber que a educadora influenciava na escolha dos materiais. Também, se a escolha da realização dos trabalhos a partir dos materiais teriam intenções diferentes se antes disso as crianças tivessem de pensar no que queriam fazer antes de saber que materiais podiam usar.

Assim, neste estudo pretendemos caracterizar a utilização dos materiais naturais enquanto dimensão do ambiente educativo de uma educadora de infância. Na opinião das crianças, trata-se de uma “coisa” da sala delas. Também na entrevista se percebeu que a opção da educadora, ainda que sustentada em propósitos refletidos e abrangentes, é sentida como pessoal. Seria interessante estudar a história de vida profissional da educadora para perceber a génese deste investimento em materiais naturais.

Também pretendemos conceber e avaliar propostas a partir de materiais naturais que promovessem utilizações criativas dos mesmos em produções das crianças (expressão plástica) sendo que entendemos que para a maioria das crianças era mais fácil criar sem desencadeador e só depois relacionar as suas ideias com os materiais do que começar a criar algo diferente a partir dos materiais conhecidos colocados à sua disposição. As atividades apresentadas foram uma primeira abordagem ao estudo desta distinção pelo que em trabalhos futuros gostaria de aprofundar a diferença sentida pelas crianças e observável no seu processo de criação entre as duas situações. Perceber como descrevem e apreciam as suas criações seria particularmente interessante.

Ao longo desta investigação, foram surgindo algumas limitações devido ao facto de se tratar de um estudo de investigação sobre as próprias práticas. Assim, podemos dizer que ao longo das práticas foi apenas possível observar alguns trabalhos das crianças sendo que nos tivemos de restringir às últimas intervenções fora deste período.

Concluimos, que esta é uma investigação que nos levou a considerar mais o uso de materiais naturais tanto no Ensino da Educação Pré-Escolar como no Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico.

Conclusão final

No final da caminhada que foi esta investigação sobre a utilização dos materiais naturais pelas crianças é altura de refletir, de maneira geral, sobre todo o percurso realizado, relacionando o estudo com as práticas de estágio e o futuro profissional.

As práticas de Ensino Supervisionadas II e III proporcionaram-nos muitos momentos de aprendizagens, onde nos foi possível conhecer os diferentes contextos tanto a nível do 1.º CEB como a nível da EPE. Nestes contextos, foi possível observarmos diferentes organizações de tempo, espaço e grupo, diversas organizações de materiais e diferentes estratégias com os mesmos. Ao longo das práticas desenvolvidas, foram feitas planificações em grupo sempre com o objetivo de ir ao encontro das necessidades e interesses das crianças/alunos e articular com todas as áreas de conteúdo. Podemos referir que no decorrer do nosso percurso nas práticas fomos sentindo algumas dificuldades, contudo o bom ambiente entre o grupo, o apoio da professora e educadora cooperantes e dos professores supervisores foi fundamental para conseguirmos realizar um bom trabalho.

Como já foi mencionado ao longo da primeira parte deste relatório, o apoio das cooperantes e dos supervisores foi fundamental tanto nas orientações dadas ao longo das planificações como nas reuniões de reflexão das práticas. Todo este trabalho em conjunto ajudou-nos a crescer tanto a nível profissional como a nível pessoal. Permitiu-nos definir boas estratégias que fossem ao encontro dos interesses e necessidades das crianças/alunos.

No que diz respeito à segunda parte deste relatório, realizamos a investigação para explorar o interesse na utilização dos materiais naturais por parte das crianças como uma grande vantagem para o desenvolvimento das crianças. Esta investigação permitiu-nos compreender como as crianças criam de forma espontânea com os materiais naturais, muito por já se sentirem à vontade com estes. Estas crianças consideram que o uso dos materiais naturais é algo que só existe na sala deles, tornando-se parte da sua identidade de grupo.

Com esta investigação, podemos observar que as crianças quando pensam no trabalho sem pensarem primeiro nos materiais conseguem abstrair-se do verdadeiro significado do material e construir trabalhos bastante interessantes.

Conclui-se, assim que proporcionar às crianças o contacto com os materiais naturais pode beneficiá-las de diversas formas. As crianças trabalham mais a vertente de expressão plástica e também do Conhecimento do Mundo, uma vez que através

Percurso formativo em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico: um estudo sobre a utilização de materiais naturais pelas crianças

destes materiais têm contacto com o meio que as rodeia e com o seu lado criativo, relacionando conhecimento e imaginação.

Bibliografia

Caldeira, F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior João de Deus

Correia, V. (1995). *Recursos Didáticos*. Águeda: CNS – Norte

Bigode, L. (2013). *Espaços para a infância. O projeto centrado na criança* (Dissertação de mestrado em Arquitetura). Instituto Superior Técnico de Lisboa, Lisboa.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Nicholson, S. (1971). How NOT to Cheat Children: The Theory of Loose Parts. *Landscape Architecture*, 66, 30-34. Disponível em: <<http://kaboom.org/docs/documents/pdf/ip/Imagination-Playground-Theory-of-Loose-Parts-Simon-Nicholson.pdf>>

Oliveira – Formosinho, J. & Araújo, S.B. (2008): *Escutar as vozes das crianças como meio de (re) construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas*. In J. Oliveira – Formosinho (org.), *A Escola vista pelas crianças* (pp. 11-30). Porto: Porto Editora

Santos, M., Gaspar, M. & Santos, S. (2014). *A Ciência na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Silva, C. (2013). *Materiais didáticos no ensino e aprendizagem da Matemática* (Relatório de final de estágio) Viseu: Escola Superior de Educação de Viseu. Obtido de <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/2485>

Duffy, B. (2004). Encorajando o Desenvolvimento da Criatividade. In Siraj-Blatchford, I. (Eds.), *Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância*. Lisboa: Texto Editora, 1.ª edição.

Raposo, J. (2013). *A integração Curricular na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico: exploração do potencial dos recursos didáticos*. (Relatório final de estágio) Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Obtido em <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2302/1/DissertMestradoJoanaMargaridaMeloRaposo2013.pdf>




ANEXOS

ANEXO 1

Tabela 1 - Registo de materiais naturais ao longo do estágio da PES III

Materiais	12/10	21/10	27/10	10/11	11/11	14/12	12/1
 Conchas	Já existia na sala						
 Penas	Já existia na sala						
 Lã natural	Já existia na sala						
 Sementes	Já existia na sala						
 Bolotas	Já existia na sala						
Canas	Já existia na sala						
 Folhas		Foi a estagiária quem trouxe					
 Cascas de noz			Foi a estagiária que trouxe				

Percurso formativo em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico: um estudo sobre a utilização de materiais naturais pelas crianças

					Foi a educadora que trouxe		
Recetáculo da rosa							
Castanha					Todos os meninos trouxeram		
Maça					Foi a educadora que trouxe		
						Foi a educadora que trouxe	
Eras							
						Foi a estagiária que trouxe	
Pinhas							
Areia							Foi a estagiária que trouxe
							Foi a estagiária que trouxe
Penas de gaivota							
Ervas da praia							Foi a estagiária que trouxe
Pedras da praia							Foi a estagiária que trouxe

ANEXO 2 - Entrevista realizada à educadora

Nome do entrevistado: Júlia Dias (Educadora de Infância, no Jardim de Infância de Jogueiros – sala 1)

Data: 12 de dezembro de 2015

1. Qual a sua intenção quando trás para dentro da sala materiais como: as penas de galinha, as conchas, as sementes, etc.?

Dar a conhecer acerca do meio envolvente, proporcionando aprendizagens diversas e significativas.

Aproveitar os recursos que possuímos, favorecendo o desenvolvimento e a compreensão racional e científica dos fenómenos naturais. Um exemplo que dou bastante importância é a horta que é uma boa fonte de pedagogia.

Pretendo levar as crianças a valorizar a natureza, alertá-las para a importância da mesma e como dela sai tudo o que precisamos para viver.

Também o respeito pelo ambiente e pelo planeta garantindo assim a aquisição de conhecimentos acerca do meio natural.

E gosto também de proporcionar a utilização destes materiais nas atividades de caráter plástico e artístico uma vez que lhes desenvolve o sentido estético de uma outra forma.

2. De que forma seleciona esses materiais? Tem algum critério de seleção?

Não tenho um critério específico de seleção, é um pouco pelo que vai surgindo. Contudo tento ter atenção às características dos materiais, se são duros, moles, às texturas, às cores, aos cheiros, etc.

Por vezes na hora de recolher estes materiais ainda não tenho uma intenção definida para a sua utilização, acabando por colocá-los à disposição das crianças para que sejam eles a decidir o que fazer com os materiais e em que situação.

3. Na sua opinião, acha importante as crianças poderem ter o poder de decisão na escolha dos materiais que utilizam?

Depende da intencionalidade da sua utilização, sendo a promoção de contextos criativos com estes materiais uma prioridade, proporcionado às crianças uma maior liberdade criativa. De forma a estimular a imaginação e o ato criativo, especialmente no campo da expressão plástica. Uma vez que uma área em que, não só permite observar e manipular os materiais, como também pode oferecer

a possibilidade das comunicarem a sua visão sobre o meio envolvente. São as ações criativas que interessam e não a obra. É o prazer de explorar e construir algo.

4. Que contributo podem dar estes materiais na criatividade da criança?

O ambiente tem um número indeterminado de materiais lúdicos e, por isso, de ocasião lúdica.

Areia, terra, pedras, penas, folhas, ramos, etc. com estes e com outros materiais as crianças podem brincar e desenvolver a sua capacidade de criação e invenção. Com estes materiais as crianças para além de desenvolverem a criatividade podem também criar instrumentos e ocasiões para o jogo.

Estes materiais permitem uma rica transformação operacional e simbólica, para além de não existirem limites quanto à variedade destes materiais.

5. Este estudo resultou na observação da utilização de vários materiais, considerados materiais naturais. Porque é que dá especial importância a este tipo de materiais?

Com estes materiais e a sua utilização podemos despertar a curiosidade infantil pelos fenómenos naturais, animais, texturas, etc.

É uma forma de os encorajar a colocar questões.

Também lhes desperta o sentido de preservação do ambiente, “mostrando-lhes” assim o que tem á sua volta aguçando-lhes a o gosto pela preservação e reconstrução.

ANEXO 3

Tabela 2 - 1.ª Entrevista com as crianças

Categories	Excertos	Descrição
Sentido estético	<p>Sim. Porque é muito giro. (P., masc., 3 anos)</p> <p>Porque ficam mais giros com os materiais diferentes. (M., fem., 4 anos)</p> <p>Os trabalhos ficam mais giros. (R., fem., 5 anos)</p>	A criança dá um sentido estético ao resultado da utilização dos materiais.
Realidade	<p>Sim. Porque o desenho parece paisagens verdadeiras. (F., fem., 5 anos)</p> <p>Quando usamos as penas nos desenhos dos pássaros, eles parecem que estão mesmo a voar. (M.I., fem., 5 anos)</p>	A criança compara os materiais ao seu significado real.
Origem Natural	<p>Sim. Porque estas coisas vêm da rua. (A.T., fem., 3 anos)</p> <p>As penas vem das pombas e quando caem no chão nós apanhamos e trazemos para a escola. (R., masc., 3 anos)</p> <p>Sim. Porque as penas, as folhas, as sementes são encontradas. (J.M., masc., 5 anos)</p>	A criança reconhece que os materiais vêm do exterior, contudo ainda não associa à sua verdadeira origem: a natureza.
Mediação pelo adulto	As professoras trazem do lixo, da rua, das	A criança associa o aparecimento destes

	<p>arrumações e depois sobra e trazem para a escola. (F. fem., 4 anos)</p> <p>Depois há uns materiais que são comprados e são de plástico, já não vêm da natureza. (J.M., masc., 5 anos)</p> <p>E as outras coisas a Júlia compra. (R., masc., 4 anos)</p>	<p>materiais ao adulto. Reconhece que eles aparecem por influência do adulto. Os materiais tornam-se acessíveis por intervenção ou mediação do adulto.</p>
	<p>Só na sala 1, porque as outras salas não têm estagiárias. (A., fem., 3 anos)</p> <p>Não, porque nas outras salas não há. (M.I., fem., 3 anos)</p> <p>Não. Nós nunca vimos nas outras salas. T., masc., 5 anos)</p> <p>Eu acho que as outras salas pensam noutras coisas para trabalharem. (S., masc., 5 anos)</p>	<p>A criança não reconhece a utilização destes materiais nas outras salas do jardim-de-infância.</p>
	<p>Sim. Alguns porque vêm pedir à sala 1. (E., fem., 4 anos)</p> <p>Às vezes sim, porque as outras salas vêm à sala 1 pedir. (E., fem., 4 anos)</p>	<p>A criança associa a utilização dos materiais naturais, por parte das outras salas, à sua própria sala. Reconhece que estas só tem acesso a estes materiais porque os solicitam na sala 1.</p>
<p>Uso de materiais naturais é reconhecido pelas</p>	<p>Sim. Eles podem pensar na sua cabeça que estas</p>	<p>A criança reconhece autonomia nas outras</p>

<p>crianças como fazendo parte da identidade da sua sala, algo que os distingue das restantes salas/grupos, ainda que percecionando a possibilidade de as crianças os usarem-. Ou pedindo emprestados ou pensando por si ou em casa na sua utilização.</p>	<p>coisas dão para brincar e também podem lembrar-se de trazer para a escola. (T., masc., 5 anos) Ou então podem usar em casa e nós não vemos se eles brincam. (J.M., masc., 5 anos)</p>	<p>crianças (das outras salas) para quererem utilizar os materiais naturais.</p>
--	--	--

ANEXO 4

Tabela 3 - 2.ª entrevista com as crianças

Material	Identificam	Situam exterior	Fazem referência a utilizações na sala	Não identificam
Flores	São flores. (P., masc., 3 anos) São flores amarelas (A., fem., 3 anos) São girassóis (E., fem., 4 anos) São plantas (M., fem., 4 anos) São Malmequeres (J.P., masc., 5 anos) Parecem margaridas (M.I., fem., 5 anos)	Sim quando vou jogar futebol com o meu pai apanho dessas flores no jardim e chego a casa e dou á mãe. (P., masc., 3 anos) Vem da terra, do quintal (A., fem., 3 anos) Do jardim. (p., masc., 3 anos) São do jardim (E., fem., 4anos) Ao pé da casa da minha avó tem destas flores (M., fem., 4 anos) Do jardim e podem dar mel porque tem pólen (J.P., masc., 5 anos) Do campo (M.I., fem., 5 anos)	Trabalhos de colar (P., masc., 3 anos) Trabalhos para parecer que são flores a fingir (E., fem., 4 anos) Ramos de flores (M. fem., 4 anos) Podemos fazer jardins a fingir nos trabalhos (J.P., masc., 5 anos)	
Carrascas	É lenha (P., masc., 3 anos) é das arvores (A., fem., 3 anos) É a pele das árvores (M., fem., 4 anos)	Do parque (E., fem., 4 anos) Faz lembrar as árvores (E., fem., 4 anos)	Faz lembrar os materiais que também temos na nossa sala. (P., mas., 3 anos)	

	<p>É a casca da árvore (J.P., masc., 5 anos) É do tronco das árvores (M.I., fem., 5 anos)</p>	<p>Vem dos pinheiros da floresta (J.P., masc., 5 anos)</p>	<p>Podemos fazer o chão nos nossos trabalhos (E., fem., 4 anos) Usamos para fazer troncos das árvores (M., fem., 4 anos)</p>	
Feijão	<p>São feijões. (p., mas., 3 anos) São feijões de comer. (A., fem., 3 anos) São sementes de feijão. (M., fem., 4 anos)</p>	<p>É para por na horta. (P., mas., 3 anos) Já usamos na horta (E., fem., 4 anos) Vem da casa da minha avó (J.P., masc., 5 anos) As estagiárias trazem (M.I., fem., 5 anos)</p>	<p>Já coleí nas folhas dos trabalhos (M., fem., 4 anos) Podemos fazer figuras geométricas (M.I., fem., 5 anos) Podemos plantar (J.P., masc., 5 anos)</p>	
Pinhas	<p>São pinhas (P., mas., A., fem., 3 anos)</p>	<p>das florestas (P., mas., A., fem., 3 anos) Vem dos pinheiros (J.P., masc., 5 anos)</p>	<p>acho que a Júlia (educadora) ia pensar numa coisa para fazer. (A., fem., 3 anos) podemos colar uns olhos e uma boca e fazer uma cara. (E., fem., 4 anos) podemos fazer um homem se colarmos uns braços, umas pernas, os olhos e a boa (J.P., masc., 5 anos)</p>	

Musgo	<p>É relva. (P., mas., 3 anos) É erva do presépio. (A., fem., 3 anos) É relva, mas não é como a dos jardins. (M., fem., 4 anos) É musgo. (J.P., masc., M.I., fem., 5 anos)</p>	<p>das florestas (A., fem., 3 anos) Vem do pinhal (M.I., fem., 5 anos) Também á no meio dos paralelos (J.P., masc., 5 anos)</p>	<p>Podemos colar para fazer o chão de relva. (P., mas., 3 anos) Podemos fazer o presépio. (A., fem., 3 anos) Podemos colar para fazer jardim.(M., fem., 4 anos) podemos colar para fazer de conta que é uma floresta. (E., fem., 4 anos) Podemos colar para fazer de conta que é cabelo (J.P., masc., 5 anos) E também para fazer barba (M.I., fem., 5 anos)</p>	
Algas	<p>É ervas da praia porque cheira à praia. (E., fem., 4 anos) É algas do mar. (M., fem., 4 anos) É ervas selvagens (J.P., masc., 5 anos) É ervas do mar (M.I., fem., 5 anos)</p>	<p>Da praia. (P., mas., A., fem., 3 anos) Do mar (M.I., fem., 5 anos)</p>	<p>Podemos fazer trabalhos da praia. (P., mas., 3 anos) podemos colar para fazer de conta que é um jardim no fundo do mar. (M., fem., E., fem., 4 anos) usamos para decorar o fundo do mar</p>	<p>Não sei, mas cheira como a praia. (A., fem., 3 anos)</p>

			(J.P., masc., 5 anos)	
Conchas	São conchas. (P., mas., A., fem., 3 anos) Sim são conchas da praia. (M., fem., 4 anos)	da praia. (P., mas., A., fem., 3 anos) da praia e do mar. (E., fem., M., fem., 4 anos)	Podemos fazer trabalhos (P., masc., A., fem., 3 anos) Sim, para fazer sons e ritmos na música (E., fem., 4 anos) Podemos fazer coisas para pendurar como os candeeiros (J.P., masc., 5 anos)	
Penas de gaivota	São penas (P., masc., A., fem., 3 anos) São penas das gaivotas da praia (M., fem., 4 anos) São penas das gaivotas (J.P., masc., 5 anos) Penas das pombas (M.I., fem., 5 anos)	do chão como os pássaros deixam cair. (P., mas., 3 anos) do chão da praia (M., fem., E., fem., 4 anos)	Acho que só vi pretas na sala da Júlia (A., fem., 3 anos) Podemos colar nas folhas (P., masc., 3 anos) Podemos colar num desenho que tenham animais com penas. (M., fem., 4 anos) podemos colar num desenho da praia, porque na areia á penas que as gaivotas deixam cair. (E., fem., 4 anos)	

ANEXO 5 – Exploração de materiais naturais



Imagem 1 - Flores do campo



Imagem 2 - Carrasca



Imagem 3 - Feijão



Imagem 4 - Pinhas



Imagem 5 - Musgo



Imagem 6 - Algas








Imagem 7 - Conchas









Imagem 8 - Penas de Gaivota

ANEXO 6








Tabela 4 - 1.ª Intervenção e realização dos trabalhos com materiais naturais

Imagem do trabalho	Identificação	Nome do trabalho	Descrição
	F. C., masc., 5 anos	“A árvore”	Usei isto (pinha) para fazer as folhas. Isto (musgo) para fazer o verde que às vezes tem à volta dos troncos.
	F. P., fem., 5 anos	“A praia”	A areia está a fazer a praia e neste bocadinho é a tolha. Aqui é um guarda-sol e estes feijões são o pic-nic das pessoas. E depois aqui são as algas e as conchas da praia.
	M.I.P., fem., 5 anos	“Coelho barbudo”	Isto (carrascas) são as orelhas. O musgo é a barba. As conchas são os olhos e o nariz e os feijões são as pinturas na cara.
	S., masc., 5 anos	“Senhor”	Os feijões são a boca e os olhos. O nariz fiz com isto (casca de noz) e o cabelo é de musgo.
	J.P., masc., 5 anos	“Urso pardo”	...que andava na selva à procura de comida. Fiz os olhos com esta madeira (carrasca), as orelhas com estas coisas das nozes, o cabelo fiz com musgo. Tem um nariz de areia e a boca de feijão.

Percurso formativo em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico: um estudo sobre a utilização de materiais naturais pelas crianças











	F.A., fem., 5 anos	"A praia"	Fiz uma praia com areia, flores e conchas.
	R., fem., 5 anos	"Praia"	O meu trabalho é a praia e as coisas que há na praia. Este musgo são as algas. Aqui (cascas de noz) é as nuvens e sol. Esta pena é a fazer a gaivota a voar e os feijões são os peixes.
	T., masc., 5 anos	"A história da menina do mar"	Isto aqui (carrascas) é a casa ao pé do mar. este bocadinho (carrasca) é uma rocha. Isto é uma alga do mar e as conchas são rochas mais pequeninas. Esta pena é da gaivota que trouxe a menina.
	J.M., masc., 5 anos	"Capitão J"	Isto é uma árvore que dá feijões. E estas coisas verdes (musgo e plantas da praia) são as plantas que crescem nas árvores.
	T., fem., 5 anos	"Jardim"	As conchas são os bancos que à no jardim e isto (casca de noz) são as cadeiras. Depois tem flores e plantas (musgo e flores). Esta pena são pássaros a voar.
	R., fem., 3 anos	"Juju"	Tem erva e flores.

Percurso formativo em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico: um estudo sobre a utilização de materiais naturais pelas crianças









	<p>B., fem., 4 anos</p>	<p>“Praia”</p>	<p>Fiz o mar de areia. Isto aqui (pinha) é aquela madeira que às vezes anda na água e na praia. Os feijões são os peixes.</p>
	<p>R. M., masc., 4 anos</p>	<p>“Floresta perto do mar”</p>	<p>Esta pinha é a fazer de gruta dos bichos. Depois tem uma escada (casca de noz). E os feijões são os animais da floresta.</p>
	<p>E., fem., 4 anos</p>	<p>“Floresta”</p>	<p>Esta pinha é a porta da floresta. Depois tem aqui o caminho de feijões. E as conchas é para andar mais rápido.</p>
	<p>R. L., masc., 3 anos</p>	<p>“Parque”</p>	<p>Isto são os baloiços (cascas de noz). Aqui é o escorrega (carrascas). E isto são os bancos (feijões e conchas) que à no parque.</p>
	<p>F. B., masc., 4 anos</p>	<p>“Telescópio de areia”</p>	
	<p>P., masc., 3 anos</p>	<p>“Campo de futebol”</p>	<p>Isto (carrascas) são os bancos dos jogadores. Aqui (cascas de noz e búzio) são as bancadas. E este feijão é a bola.</p>
	<p>B., fem., 4 anos</p>	<p>“Jardim da B”</p>	<p>Este “cone” de cartão é um regador. E isto são as flores. Fiz a parte de baixo das flores com feijão.</p>

ANEXO 7

Tabela 5 - 2.ª intervenção e realização dos projetos

Identificação	Projeto	Trabalho
M. I., fem., 5 anos		
S., masc., 5 anos		
L., fem., 4 anos		
M., fem., 4 anos		
P., masc., 3 anos		

Percurso formativo em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico: um estudo sobre a utilização de materiais naturais pelas crianças

<p>B., fem., 4 anos</p>		
<p>F. C., masc., 5 anos</p>		
<p>J. M., masc., 5 anos</p>		
<p>J. P., masc., 5 anos</p>		
<p>R., fem., 5 anos</p>	